



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO

RAY LUCCA DE JESUS MACHADO PIO

**PESSOAS NÃO BINÁRIAS E SUAS DEFINIÇÕES DE SI NO
BRASIL: ANÁLISE DE CONTEÚDOS AUDIOVISUAIS NO YOUTUBE**

Salvador

2023

RAY LUCCA DE JESUS MACHADO PIO

**PESSOAS NÃO BINÁRIAS E SUAS DEFINIÇÕES DE SI NO
BRASIL: ANÁLISE DE CONTEÚDOS AUDIOVISUAIS NO YOUTUBE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia como requisito para a obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Leonor Graciela Natansohn

Salvador

2023



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
COLEGIADO DO CURSO DE COMUNICAÇÃO**

Salvador, 19/06/2023 às 18:00

Ata de defesa pública de Trabalho de Conclusão de Curso

Nesta data, o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **PESSOAS NÃO BINÁRIAS E SUAS DEFINIÇÕES DE SI NO BRASIL: ANÁLISE DE CONTEÚDOS AUDIOVISUAIS NO YOUTUBE**, de autoria de **Ray Lucca de Jesus Machado Pio**, sob orientação de **Leonor Graciela Natansohn**, foi apresentado em sessão pública e avaliado pela comissão examinadora, composta por **Susana Morales** e **Sergio da Silva Ferreira**.

Com base em escala de notas de 0,0 (zero) a 10,0 (dez), considerando-se a média exigida para aprovação de 5,0 (cinco), de acordo com o Regulamento do Trabalho de Conclusão de Curso do Colegiado de Graduação da Faculdade de Comunicação e com o Regulamento de Ensino de Graduação e Pós-Graduação da Universidade Federal da Bahia, foram atribuídos ao referido TCC as seguintes notas:

Tabela de avaliação	Nota	Assinaturas
Examinador(a) 1	10	
Examinador(a) 2	10	
Orientador(a)	10	

Média final (valor numérico): 10 dez

Média final (por extenso): 10 dez

DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado a todos aqueles que acreditam na liberdade, no respeito ao próximo e no acolhimento aos necessitados.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que me apoiaram durante a minha graduação. Aos colegas do PETCOM e o Prof. Leonardo Costa. À minha orientadora, Prof^a. Graciela, que me motivou e apoiou. Aos amigos que fiz nessa jornada. Ao meu gatinho, Biscoito, que esteve comigo nos momentos mais difíceis. E ao meu melhor amigo e companheiro, Pedro, que me ajudou a reencontrar a alegria de viver.

RESUMO

Neste trabalho, objetiva-se compreender e mapear as definições de si de pessoas não binárias a partir de vídeos do YouTube. Para isso, realizou-se uma pesquisa qualitativa, partindo da apuração de canais que tematizam a não binariedade na plataforma. Para a análise de conteúdo, foram selecionados vídeos e elaboradas categorias de acordo com as funções que os vídeos cumprem. A partir de conceitos propostos por teóricos do estudo do gênero e da sexualidade, os resultados alcançados esclarecem discursos e pautas de pessoas transgênero não binárias no Brasil. Como conclusão, este trabalho destaca características observadas nas definições de não binariedade pela comunidade LGBTQIA+, bem como suas particularidades.

Palavras-chave: não binário; transgênero; YouTube; LGBTQIA+.

ABSTRACT

In the present article, the objective is to understand and map the self-definitions of non-binary people from YouTube videos. For this, qualitative research was carried out, starting from the verification of channels that thematize the non-binary nature of the platform. For content analysis, videos were selected and categories were created according to the functions that the videos fulfill. Based on concepts proposed by theorists of the study of gender and sexuality, the results clarified discourses and agendas of non-binary transgender people in Brazil. In conclusion, this work highlights characteristics observed in the definitions of non-binarity by the LGBTQIA+ community, as well as its particularities.

Keywords: non-binary; transgender; YouTube; LGBTQIA+.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO

2. MARCO TEÓRICO: GÊNERO E TRANSEXUALIDADE

2.1. Caracterizando gênero

2.2. Sexo biológico

2.3. Identidade de gênero

2.4. Transgênero e cisgênero

2.5. Expressão de gênero

2.6. Não binariedade

3. POR QUE YOUTUBE?

3.1. Youtube como espaço de fala

3.2. Não binariedade na plataforma

4. METODOLOGIA

5. RESULTADOS

5.1. Apresentação dos canais selecionados e suas métricas

5.2. Categoria “relatos de si”

5.3. Categoria “pedagógicos”

5.4. Análise geral e principais achados da pesquisa

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

7. REFERÊNCIAS

IMAGENS

Figura 1. Banner do canal Tempero Drag

Figura 2. Banner do canal de Cup

Figura 3. Captura de tela do canal Põe na Roda

Figura 4. Captura de tela da página inicial do canal SaiaDaBolha_

Figura 5. Captura de tela da página inicial do canal Chá dos 5

Figura 6. Captura de tela da página inicial do canal da Bryanna Nasck.

Figura 7. Captura de tela do Canal das Bee

Figura 8. Captura de tela da descrição do canal Apenas Cup

Figura 9. Captura de tela da página inicial do canal Sapatomica

Figura 10. Captura de tela dos vídeos em alta do canal Gênero Fluido.

Figura 11. Captura de tela dos vídeos em alta do canal Jean Ferbeli.

Figura 12. Captura de tela do banner do canal TRANS-missão

Figura 13. Tumb do vídeo “Vivência não Binária”, do canal Saia da Bolha

Figura 14. Captura de tela do canal Saia da Bolha.

Figura 15. Tumb de vídeo do Põe na Roda

Figura 16. Captura de tela da apresentação de Sergio no Põe na Roda.

Figura 17. Captura de tela da apresentação de Ane no Põe na Roda.

Figura 18. Captura de tela do vídeo colaboração entre Bryanna e Cup.

Figura 19. Captura de tela de vídeo de Apenas Cup.

Figura 20. Captura de tela de vídeo de Apenas Cup.

Figura 21. Captura de tela de vídeo de Jean Ferbeli.

Figura 22. Captura de tela da apresentação de Miguel no Põe na Roda.

Figura 23. Captura de tela de vídeo do Sapatomica.

Figura 24. Captura de tela de vídeo do Canal das Bee.

Figura 25. Captura de tela de vídeo do Chá dos 5 .

Figura 26. Captura de tela da apresentação de Wallace no Chá dos 5.

Figura 27. Captura de tela de vídeo do canal Gênero Fluido.

Figura 28. Captura de tela de vídeo do canal Gênero Fluido.

Figura 29. Captura de tela da colaboração entre Apenas Cup e Gênero Fluido.

Figura 30. Captura de tela de vídeo do canal TRANS-missão.

GRÁFICOS

Gráfico 1. Pesquisa “YouTube no Brasil” do Opinion Box, 2021

Gráfico 2. Popularidade do termo “Gênero não binário” nas pesquisas do YouTube.

Gráfico 3. Popularidade do termo “não binário” nas pesquisas do YouTube.

Gráfico 4. Popularidade do termo “transexualidade” nas pesquisas do YouTube.

1. INTRODUÇÃO

A transgeneridade não binária é pauta crescente nas redes sociais do Brasil dos últimos 5 anos, segundo dados do Google Trends. Apesar disso, grande parte da população não conhece o termo nem suas definições. Gêneros não binários ainda não são reconhecidos pela lei brasileira, e existem discursos imbuídos de desinformações e preconceitos sobre essa comunidade. Este trabalho visa analisar e discutir definições de si de pessoas transgênero não binárias no Brasil, através de conteúdos audiovisuais no YouTube.

Este trabalho se organizou em cinco partes: marco teórico, pesquisa sobre a plataforma, metodologia, resultados e conclusão. No capítulo 2, desenvolvo a base teórica desta pesquisa, com a seleção de principais ideias dos/as teóricos/as acerca de gênero, sexualidade e transgeneridade. Caracterizo termos e fenômenos atrelados ao tema, bem como questiono e proponho reflexões sobre o binarismo de gênero.

No capítulo 3, abordo as principais características do YouTube no Brasil, o papel da plataforma como lugar de fala de minorias LGBTQIA+ e o comportamento dos usuários brasileiros nos últimos anos. Além disso, a partir do YouTube Trends, vamos mensurar a popularidade das palavras-chave da pesquisa dentro da plataforma.

A descrição da metodologia utilizada nesta pesquisa é trazida no capítulo 4, onde também defino e descrevo as categorias com as quais dividi o *corpus* de análise. A metodologia escolhida foi qualitativa, já que não pretendia quantificar a produção de vídeos, comentários ou *hashtags* sobre o assunto em questão. Assim, optei por selecionar uma amostra intencional e mapeei conteúdos que caracterizam essas definições de si, enquanto pessoas trans não binárias. Para isso, mapeei canais *vlogs* do YouTube que tematizam a não binariedade, e elaborei categorias de análise que auxiliaram nas definições do que é ser não binário, de acordo às funções que os vídeos cumprem.

No capítulo 5, apresento informações acerca dos criadores de conteúdo LGBTQIA+ que produziram os vídeos. A partir disso, discutiremos os resultados com capturas

de tela e citações dos vídeos, e observaremos quais consensos e dissensos existem ao redor da definição de pessoas trans não binárias.

Com esse trabalho, é possível entender de que forma a não binariedade é moldada e retratada pelos integrantes da comunidade. Relaciono essas vivências com vivências de pessoas trans binárias, bem como apresento características particulares da não binariedade. A partir do retrato das particularidades, e da definição de gênero como um espectro de performances, descobriremos também possibilidades de subclassificação dentro da transgeneridade não binária. Concluimos que as palavras respeito e liberdade de gênero definem as pautas desta comunidade.

2. MARCO TEÓRICO: GÊNERO E TRANSEXUALIDADE

Em seu trabalho *História da Sexualidade*, o filósofo Michel Foucault debateu sobre as definições, consensos e dissensos sobre a categoria sexo - e por consequência, sobre a sexualidade. A partir da análise dos efeitos das falas e dos silêncios, como descreve, ele discorre sobre o que era considerado normal e anormal pela sociedade da época, inclusive no meio acadêmico. Os ditos 'anormais' foram os primeiros a serem objetos de uma medicalização e tentativa de normalização, no discurso científico, segundo Foucault.

[...] Era uma ciência feita de esquivas, já que, na incapacidade ou recusa a falar do próprio sexo, referia-se sobretudo às suas aberrações, perversões, extravagâncias excepcionais, anulações patológicas, exasperações mórbidas. Era também uma ciência essencialmente subordinada aos imperativos de uma moral, cujas classificações reiteravam sob a forma de normas médicas. (FOUCAULT, 1988, p. 53)

A partir das interpretações de Devreux (2005) sobre os escritos de Foucault (1988), Eloisio Moulin e Alexandre Carrieri (2010) discorrem sobre como a teoria *queer*, ou analítica *queer*, como sugerem, se diferencia dos demais estudos culturais e sociológicos sobre gênero. No artigo "A analítica queer e seu rompimento com a concepção binária de gênero", eles sugerem que Foucault se diferencia por: a) criticar o modelo sexual binário, seja ele biológico ou sociológico/cultural; b) propor o fim das classificações em identidades sexuais, princípio que a fundamenta; c) combater à heteronormatividade; e d) desnaturalizar o sexo.

2.1. Caracterizando gênero

Considerando que a divisão binária entre homem/mulher é resultado de convenções sociais e culturais construídas durante séculos, percebe-se que é demasiado subjetivo caracterizar 'gênero' como um determinado conjunto de normas padronizadas e imutáveis. Percebe-se também que as normativas sociais não são as mesmas presentes em diferentes sociedades, no passado e na contemporaneidade, apesar das similaridades.

E é justamente por causa desta característica fluída, individual e comunitária, ao mesmo tempo, que Judith Butler (2003; 2019) retrata o gênero como performance.

Butler infere que não há nenhuma “essência” expressada ou exteriorizada em gênero, nem é um “dato de realidade”. Assim, “os vários atos de gênero criam a ideia de gênero, e sem esses atos não haveria gênero algum”. Destarte, Butler aponta que os atributos e atos do gênero geram “consequências claramente punitivas”, pois a sociedade habitualmente pune os que “não desempenham corretamente o seu gênero”.

Assim, o gênero é uma construção que oculta normalmente sua gênese; o acordo coletivo tácito de exercer, produzir e sustentar gêneros distintos e polarizados como ficções culturais é obscurecido pela credibilidade dessas produções — e pelas punições que penalizam a recusa a acreditar neles; a construção “obriga” nossa crença em sua necessidade e naturalidade. (BUTLER, 1990, p. 199)

Se não há identidade preexistente pela qual um ato ou atributo possa ser medido, não haveria atos de gênero verdadeiros ou falsos, reais ou distorcidos. Assim, o fato de a realidade do gênero ser criada mediante performances sociais contínuas significa que as próprias noções de sexo e de masculinidade ou feminilidade verdadeiras também são construídas (Butler, 1990). Esse caráter performativo do gênero, contudo, seria ocultado por consequência da dominação masculinista e da heterossexualidade compulsória.

Como efeito de uma performatividade sutil e politicamente imposta, o gênero é um “ato”, por assim dizer, que está aberto a cisões, sujeito a paródias de si mesmo, a autocríticas e àquelas exibições hiperbólicas do “natural” que, em seu exagero, revelam seu status fundamentalmente fantasístico. (BUTLER, 1990, p. 246)

Em “Desfazendo o gênero”, Butler discorre ainda sobre as diferenças entre sexo anatômico, identidade de gênero e performance de gênero. “A performance sugere uma dissonância não só entre sexo e performance, mas entre sexo e gênero, e entre gênero e performance.” Ou seja, essas nuances coexistem sem obrigatoriamente serem causa e consequência umas das outras. É possível, por exemplo, apresentar uma expressão de gênero aparentemente masculina, mesmo com traços sexuais biológicos considerados femininos, tais como cromossomos, órgãos sexuais internos ou externos

A dimensão “performativa” de construção é precisamente a forçosa reiteração das normas. [...] A performatividade não é nem um jogo livre nem uma forma teatral de apresentação de si, tampouco pode ser simplesmente equiparada a uma performance. Além disso, o que necessariamente estabelece um limite para performatividade não é a restrição; a restrição é, pelo contrário, o que impulsiona e sustenta a performatividade. (BUTLER, 2019, p. 173)

2.2. Sexo biológico

É necessário, para fins pedagógicos, caracterizarmos o que os autores se referem como sexo biológico. Este é determinado a partir da percepção de um dos órgãos genitais humanos externos, como pênis ou vulva. No nascimento, os médicos observam tal genital e profissionais dos cartórios rotulam a criança entre menino ou menina de acordo com os padrões sociais.

Assim, retornamos a Foucault e a patologização do considerado anormal, presente desde os objetivos dos estudos da medicina do século passado. Ele aponta que aquilo que a sociedade considerava biologicamente padrão na verdade foi construído a partir da moral social, derivada do conservadorismo cristão. Aquilo que ele caracterizava de ‘Tribunal do sexo’, criminalizava o diferente, como era o caso dos intersexuais - antes patologicamente chamados de ‘hermafroditas’.

Para lidar com tal “anomalia genética”, os estudos propunham cirurgias em bebês logo após o nascimento. Assim, os pais ou médicos escolhiam um genital para a criança e retiravam o outro, sem garantia que o escolhido será corretamente desenvolvido durante a vida da criança. Isto reflete a necessidade da sociedade em encaixar os indivíduos nas caixinhas de sexo/gênero. O resultado: pessoas intersexo sujeitas a desenvolver disforia de gênero devido a uma discordância ao gênero escolhido pelos pais/médicos no seu nascimento. O movimento intersexo defende que estas cirurgias precoces são uma forma de mutilação de seus corpos.

Quando se constata sua presença [genitais ambíguos], eles não provocam uma revisão da ideia dual da natureza genital, ela provoca uma intervenção para que esses se disciplinem, se ajustem, ao dogma binarista geralmente por cirurgia. (FERREIRA, 2021, p. 365)

2.3. Identidade de gênero

Já o que chamamos de identidade de gênero, se refere à qual gênero a pessoa se identifica socialmente. Conforme estudos de Butler (1990) e Bento (2017), a identidade de um indivíduo não necessariamente depende de seu sexo biológico ou de sua expressão de gênero - ou seja, da forma com que o indivíduo expressa seu gênero física e esteticamente. Partindo assim do conceito de que ser homem ou mulher é social, podemos desvincular o caráter biológico que por muito tempo foi atrelado ao gênero. Se ser mulher ou homem é subjetivo e individual, e não o ser também é.

Em “Trans narrativas do self: uma análise a partir de diários virtuais de transição transexual no Youtube”, Eveline Rojas (2015) discorre como a crítica de Butler passa a incidir também sobre o sexo biológico e não apenas sobre o gênero. “Para Butler (1990) o sexo/corpo, assim como o gênero, deve ser entendido como uma construção cultural, como produto discursivo”. A performance de Butler seria como um elemento capaz de subverter as normas de gênero existentes.

A existência de gênero, segundo Butler (1990), seria como um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora inflexível que se cristaliza no tempo, produzindo uma aparência de substância real ou natural. Rojas acrescenta que, nesse sentido, a identificação de si que o sujeito adota e se expressa na forma de gênero, tem a ver com o modo pelo qual ele se projeta e realiza as ações, entendimentos, regras, fins, projetos e emoções que compõem as práticas, dentro do contexto interativo.

Para alguns, o sentir-se mulher/homem, saber-se mulher/homem e reconhecer-se mulher/homem muitas vezes se volta para transformações corporais ou mesmo para performances que os habilitem a “passar” por mulher/homem no meio social no qual estão inseridos. Em outros termos, as exigências provenientes do desejo de se obter uma coerência entre sexo-gênero prática sexual-e-desejo, advindas da heteronormatividade, parecem não se conformar a muitos dos questionamentos e ideais desejados por transexuais em transição. (ROJAS, 2015, p. 12)

No artigo “Corpos em rede e o direito de aparecer: o Dia da Visibilidade Trans no YouTube”, de Morena Dias, Edinaldo Araujo Mota e Juliana Gutmann (2022), se

ilustra o modo com que os corpos transgêneros, a partir da produção de saberes para si e para as demais [no YouTube], se aglutinam no espaço público, instaurando o corpo no centro do campo político. O artigo mostra que, para além da luta identitária, reivindica-se viver e habitar os trânsitos. “Algo que os estudos *queer* concebem como “monstruoso” e que Bento (2017) denomina de “transviado”, nos termos de uma ética política (MUÑOZ, 1999) e de uma aliança (BUTLER, 2019)”.

2.4. Transgênero e cisgênero

No livro, ‘O que é transexualidade?’, de Berenice Bento, a pesquisadora infere que o atual sistema binário (masculino versus feminino) nos traz a ideia de que gênero é uma reflexão do sexo biológico, e que todas as características dos sujeitos estão atreladas a isso. Com essa reflexão, Bento sugere que “a transexualidade é uma experiência identitária, caracterizada pelo conflito com as normas de gênero”.

Transexualidade: Dimensão identitária localizada no gênero, e se caracteriza pelos conflitos potenciais com as normas de gênero à medida que as pessoas que a vivem reivindicam o reconhecimento social e legal do gênero diferente ao informado pelo sexo, independentemente da realização da cirurgia de transgenitalização. (BENTO, 2012, p. 183)

Etimologicamente, o prefixo “trans” (de origem latina) significa “além de”, “para além de”, “o outro lado” ou “o lado oposto”. Já o prefixo “cis”, de mesma origem, que significa “do mesmo lado”, “do lado de cá”. Por conseguinte, cisgênero se refere a pessoas que não estariam em conflito com as normas, ou seja, pessoas que estão “alinhadas” com a definição sexual genérica que lhes atribuíram ao nascer. É a percepção cultural sobre o corpo do bebê, e não o sexo biológico, que determina que sexo/gênero este indivíduo vai performatizar durante sua vida - salvo que se rebele.

O termo transexualidade/transexualismo surgiu na medicina como uma doença psiquiátrica e tentava ‘tratar’ aqueles com discordância do gênero. A patologização das identidades trans pode ser explicada a partir do momento em percebemos que vivências trans, por questionarem as distinções entre mulheres e homens baseada em aspectos biológicos, ameaçaram o privilégio masculino e heterossexual (SERANO, 2015). Assim, as definições do que seria um/a homem/mulher de

“verdade” emergiram nas definições do que seria um/a transexual de “verdade” (BENTO, Berenice, 2017).

Neste trabalho, escolho por nomear os indivíduos em discordância com seu gênero biológico como “transgêneros”, pois discorro sobre a performatividade do gênero e desvinculo o mesmo do sexo e da sexualidade. Para fins de simplificações, utilizo também “trans” como forma de me referir aos “transgêneros”, e “cis” como forma de me referir aos “cisgêneros”.

Destaco também o questionamento de Sergio Ferreira no artigo “A respeito da categoria (trans/cis) gênero: a representação da identidade de gênero e a cisgeneridade compulsória” (2021, p. 355). Ferreira questiona o porquê de ainda quisermos parecer com o gênero que queremos expressar. Numa realidade onde somos ensinados a tentar nos moldar nas normativas de gênero, Ferreira pega emprestado o conceito de Rich (2012) e sugere o termo cisgeneridade compulsória: “diz respeito ao fato de não termos escolha sobre ser ou não compreendido por essa normativa, uma vez que ela está para além do sujeito, como uma estrutura assimétrica fundamental de uma relação de poder.”

Estamos todas, todos e todes em algum lugar dessas encruzilhadas gendradas raramente completamente binarizados. A cisgeneridade como uma sujeição a um certo discurso e prática de coerência entre a morfologia do corpo e performances gendradas parece muito mais como um ideal de disciplinamento dos corpos do que de fato uma realidade. [...] Mesmo para os sujeitos cisgêneros a sujeição a tal coerência pode ser um fardo. (FERREIRA, 2021, p. 355)

Ele aponta que gênero ainda é um problema devido à essas “discursividades, crenças, lógicas, saberes e práticas que vinculam identidades a certos marcadores em nossos corpos”. Se gênero é uma performance social e ao mesmo tempo individual, a qual somos ensinados e incentivados a seguir, é normal que nos forcemos, principalmente na infância e na adolescência, a nos encaixar nesse padrão. Assim, o que ele chama de “revolução transgênera” seria a libertação dos corpos como possibilidade de autodeterminação e de produção de outros futuros possíveis (FERREIRA, 2021).

É natural que em certo ponto, pessoas questionem e tenham a necessidade de transbordar destas normativas sociais de gênero. Pensando nas individualidades do ser humano, interpreto que Ferreira destaca como é improvável se encaixar completamente nas normas, e que seria comum estar um pouco fora em certo nível. Há, contudo, um esforço coletivo para que todos continuem em seu papel e identidade social pré-estabelecidos.

Há dois momentos ou territórios de saberes transfeministas e queer/cuir que foram basilares para a conceituação de gênero e sexo, e aos usos dessas categorias: os escritos norte-americanos no início da década de 1990 e as produções acadêmicas e militantes brasileiras da segunda metade da década de 2000 e da década de 2010. Esses trabalhos foram seminais para a abertura do gênero para além dos binarismos biologizantes; criaram não só condições para pensar as identidades de gênero trans, mas também problematizaram tão significativamente a definição cissexista de gênero que se torna impossível conceber gênero sem existí-los. Teóricas feministas queer e pessoas trans que vivenciam aquilo sobre o que escrevem foram especialmente importantes. (FERREIRA, 2021, p. 362)

Nessa diversidade de vivências de gênero, existem aqueles que tanto se desencaixam e questionam, que buscam um outro papel social com que se identificam mais assertivamente. Outros, se sentem livres para transitar entre performances de acordo com suas particularidades. Outros ainda, se recusam a performar algo já dado e criam sua própria performance. Retomando Bento (2017), a transexualidade seria então um desdobramento inevitável de uma ordem de gênero que estabelece a inteligibilidade dos gêneros no corpo.

2.5. Expressão de gênero

Chegamos então ao conceito de expressão de gênero, que podemos relacionar com a performance de gênero proposta por Butler (1990). É comum que a sociedade caracterize os indivíduos com base no que estes performam. Uma pessoa de cabelo raspado, barba, calça, paletó e gravata, peitoral reto e voz grossa, vai ser lida como um homem na sua comunidade neste tempo e neste espaço. Já uma pessoa com cabelo longo e acessórios, vestido, maquiagem, voz delicada e salto alto será lida como mulher.

Mesmo após a constatação da discordância de gênero, é exigido que o indivíduo se encaixe de alguma forma. Se não como mulher, que se encaixe como homem, e vice-versa. É como uma tentativa social de conter o indivíduo numa posição e dentro das normas. De separar e criar uma outra norma para pessoas que não se encaixam na que já existe. Uma separação de “pessoas normais” (cis) e “pessoas que não se encaixam” (trans). Dessa forma, transexualidade é binária quando enxergada como ‘parecer’ para depois ‘ser’, ou seja quando consideramos somente a existência de duas expressões de gênero pré-estabelecidas socialmente.

Os gêneros não podem ser verdadeiros nem falsos, reais nem aparentes, originais nem derivados. Como portadores críveis desses atributos, contudo, eles também podem se tornar completa e radicalmente incríveis. (BUTLER, 2017, p. 244)

Há, dessa forma, um impasse entre normas e a identificação de sujeitos. Considerando que nem na categoria biológica é possível enquadrar os indivíduos somente em duas categorias, na categoria identitária é esperado que existam indivíduos que de fato não são contemplados pelas categorias homem-mulher. Para aqueles que transcenderam as barreiras do binarismo de gênero, nomeamos de transgêneros não binários.

2.6. Não binariedade

De certa forma, a existência da comunidade transgênera não binária parte da possibilidade levantada por Butler (1990) de que gênero pode ser desconstruído e reconstruído socialmente e individualmente. Pensadores da teoria queer já retrataram com outro nome estes indivíduos. Pensar na existência de outras possibilidades de gênero fora do binário, ou reconstruir a sua própria noção de gênero, é perceber que, na verdade, não existe uma real prisão nas performances de gênero.

No artigo “Subvertendo as fronteiras de gênero: gênero não binários”, de Melissa Salinas Ruiz (2021), é destacado como a sociedade ocidental contemporânea é generificada, ou seja, é estruturada com base na crença de que existem dois gêneros mutuamente excludentes. Os dispositivos sociais resultantes do patriarcado direcionam indivíduos à cisgeneridade desde o momento do

nascimento, assim segregando os gêneros divergentes. Quando Salinas retrata o não binarismo de gênero, apresenta-o como um termo guarda-chuva, ou seja, que abarca diversas identidades de gênero. Apesar do rigor do 'cistema', pessoas não binárias subvertem, inclusive, a linguagem, evidenciando a possibilidade de existir fora do binarismo (SALINAS, 2021).

Em "Subvertendo Gênero: O Lugar da Não-binaridade Numa Análise Discursiva de Conteúdos Midiáticos", Lemos, Andrade e Cardoso (2020) destacam que a não binariedade não trata de negar o feminino e o masculino, mas de confrontar o que é compreendido dentro de cada possibilidade de gênero. Passamos a compreender que os gêneros não se apresentam como uma categoria fechada, determinante, ou decisiva, e sim que sua diversidade passeia pelos mais diversos lugares e papéis sociais (LE MOS, ANDRADE, CARDOSO, 2020).

As violências de gênero existentes revelam-se quando se busca a restrição dos lugares de expressão e modos de compreensão de si no que diz respeito a um único modelo padronizado de gênero, de performance, e de corpo definitivo e imutável. (LE MOS, ANDRADE, CARDOSO, 2020, p. 317).

Partindo da distinção de expressão de gênero, sexo biológico e identidade, chegamos a constatação que nossa aparência social diz respeito somente à nossa performance. Assim, estamos acostumados a adivinhar socialmente a identidade das pessoas pela expressão de gênero, sem a garantia de que esta se aplique. Numa realidade onde todos seguem à risca as normativas, com expressões bem delimitadas, e excluindo a existência de pessoas transgênero e não binárias, esse 'cistema' poderia funcionar. Porém, nos casos em que uma pessoa apresenta características ambíguas, como proceder? Escolher um? Chutar um? É necessário perguntar qual o genital da pessoa? O reconhecimento de existências que transcendem as normas, reflete que esta maneira de nos relacionarmos está fadada ao fracasso.

Afinal, é possível ter a certeza sobre qual a identidade de gênero de uma pessoa, levando em conta apenas a aparência? Um homem de cabelo longo, acessórios, vestido e maquiagem deixa de ser homem? Um homem pode ter expressão de gênero feminina? Desde que ponto escolhemos nossa expressão de gênero? É possível uma mulher ter barba e continuar sendo mulher? É possível um homem ter

peitos maiores e continuar sendo homem? É possível uma mulher ter voz grave e seios pequenos?

Em se tratando de aparência, deve-se levar em conta também fatores hormonais, biológicos, alimentares, de personalidade e cultura. Uma mulher cis lésbica, por exemplo, pode apresentar uma expressão de gênero masculina, e continuar se identificando como mulher. Uma drag queen pode utilizar maquiagens, vestidos, perucas, e utilizar próteses de seios, e continuar se identificando como homem, em consonância com seu sexo biológico. Um homem cis pode apresentar uma condição chamada de ginecomastia, onde ocorre o desenvolvimento de seios devido a uma alteração no seu sistema hormonal, e mesmo assim continuar se identificando como um homem.



Figura 1. Banner do canal Tempero Drag, da Drag Queen Rita von Hunty, interpretada pelo influencer Guilherme Terreri. Fonte:



Figura 2. Banner do canal de Cup, influenciador não binário. Cup apresenta aparência andrógina. Fonte:

3. POR QUE YOUTUBE?

O YouTube é uma das principais redes sociais exclusivamente de vídeos online nos últimos anos, com mais de 2,51 bilhões de usuários ativos no mundo e mais de 1 bilhão de horas de vídeos visualizados diariamente - segundo relatório de fevereiro de 2023 produzido por We Are Social e Meltwater. Criada em 2005, a plataforma atualmente pertence à empresa Google, subsidiária da Alphabet, e está em segundo lugar no ranking de redes sociais mais utilizadas no mundo, de acordo com o mesmo relatório. O Youtube também se classificou como a segunda rede social mais utilizada no Brasil em 2023, com 142 milhões de usuários ativos - ficando atrás apenas do WhatsApp, com 169 milhões de usuários ativos.

De acordo com o Essential YouTube Statistics, do Global Digital Insights, o Brasil está em terceiro lugar no ranking de países com mais usuários ativos no YouTube, atrás apenas dos EUA e Índia. O relatório sugere que o alcance do YouTube no início de 2023 era equivalente a 78,1% da base total de usuários da Internet no Brasil (independentemente da idade) em janeiro de 2023. O dispositivo móvel (smartphone) continua sendo o mais utilizado para o acesso.

Um estudo do Google de 2018 comparou as visualizações entre 2014 e 2018, constatando que houve um aumento de 135% no número de horas semanais dedicadas a assistir vídeos online no Brasil. Além disso, a pesquisa mostra que 80% das pessoas buscam por formatos de vídeos que não estão disponíveis na TV a cabo.

No relatório anual de 2019 da We Are Social, 95% dos usuários de internet brasileiros assistiam a vídeos no YouTube, o equivalente a 133 milhões de pessoas na época. O estudo mostrou também que, no Brasil, 61% dos internautas acessavam as redes sociais por dispositivos móveis com média de uso de três horas e meia por dia. Aqueles que produzem conteúdo para o YouTube, em formato de vídeos, são chamados de *youtubers*.

A partir de entrevistas com 1080 usuários do YouTube, em 2021 a Opinion Box revelou que, em média, 86% dos entrevistados entram na plataforma de vídeo pelo menos uma vez ao dia.

COMPORTAMENTO DOS USUÁRIOS

Com que frequência você entra no YouTube?



Gráfico 1. Pesquisa “YouTube no Brasil” do Opinion Box, 2021

Na plataforma “Think with Google”, do Google, o YouTube é descrito como gigante. “O YouTube é um lugar onde assuntos surgem e são amplificados. Liberdade de expressão, diversidade e representatividade são valores centrais do YouTube.”
Fonte: Google “Think with Google” www.thinkwithgoogle.com

Qual seria a razão para a popularidade da rede social no Brasil e no mundo? Segundo Maria Clara Monteiro (2020), uma das razões para a popularização do YouTube se deve às ferramentas de compartilhamentos, de comentários, de publicidade e pela abertura para que qualquer pessoa faça suas produções e as publique (Snickars e Vonderau, 2009). Também se deve à facilidade em que é possível acessar aos conteúdos audiovisuais, já que a plataforma conta com uma ferramenta de pesquisa de qualidade - a SEO “Search Engine Optimization”, da empresa Google.

A plataforma se caracteriza como rede social digital por permitir um espaço conversacional com comentários e compartilhamentos (BOYD; ELISSON, 2007). É um lugar de exploração de novos conteúdos nos âmbitos da produção, do consumo de vídeos e da conversação entre sujeitos. O incentivo à produção de materiais pelos sujeitos faz parte da lógica do YouTube, o “broadcast yourself”, que dialoga com o conceito de prosumers (TOFFLER, 1980) e da cultura participativa (JENKINS, 2009). (MONTEIRO, 2020, p. 13)

3.1. Youtube como espaço de fala

Desta forma, podemos explicar a popularidade e a importância do YouTube partindo do conceito de cultura participativa (Jenkins, 2006). Quando o telespectador de conteúdos audiovisuais vai ao encontro, interage e se torna um produtor, a plataforma expande as possibilidades comunicativas entre seus usuários. No texto *Vlog Como Gênero no Youtube*, Paula Coruja destaca como o YouTube se tornou uma plataforma de diversidade cultural, que gerou inclusive uma mudança no slogan da rede.

Inicialmente, o site se apresentava como “Your Digital Video Repository” (Seu repositório de vídeos digitais); depois, o slogan “Broadcast Yourself” se consolidou e ainda hoje mostra a intenção de ser uma plataforma para a expressão pessoal de usuários que são, ao mesmo tempo, audiência e produtores de conteúdo. CORUJA, Paula. Pág 49. *Vlog Como Gênero No Youtube: A Profissionalização do Conteúdo Gerado Por Usuário*.

Em “Ações Ciberativistas LGBTQIA+ no YouTube: Identidades e Minorias Ativas”, de Marília Maia Lincoln Barreira e Luciana Maria Maia (2022), as autoras apresentam, em seus resultados de pesquisa, o papel político que os *youtubers* LGBTQIA+ cumprem na plataforma e em seus grupos sociais. Segundo elas, os ativistas midiáticos atingem grande alcance nas suas comunicações, apesar da existência de limites em virtude das questões ligadas à capitalização da plataforma. Os ciberativistas do YouTube contemplam também o aspecto da visibilidade individual, que pode gerar ganhos materiais e simbólicos para o indivíduo (Burgess & Green, 2009).

Os relatos dos entrevistados demonstram que o ciberativismo colocado em prática pelos *youtubers* é uma forma de tornar a minoria ativa, como afirma Moscovici (2011), mas que isso é impossível sem a posituação da identidade social LGBTQIA+, de acordo com a ideia de Tajfel (1982). Nessa perspectiva, ser existente e visibilizado socialmente se torna fundamental para que a minoria se coloque no lugar de influenciadora (Hernandez et al., 2013). Ao mesmo tempo, para que isso aconteça, o grupo minoritário precisa estar ciente tanto de suas vulnerabilidades sociais como de seus direitos, compreendendo-se como grupo, significando-o como positivo e adotando a ação ativista como uma forma de criatividade social (Tajfel, 1982). (BARREIRA; MAIA; 2022, p. 10)

3.2. Não binariedade na plataforma

Utilizando-se da ferramenta “Google Trends”, é possível monitorar a popularidade de um determinado tema nas plataformas da empresa, na escala de 0 a 100. Utilizei essa ferramenta para mapear a presença de publicações sobre não binariedade no Youtube, nos últimos 5 anos, conforme gráficos abaixo. Importante ressaltar que os números apresentados nos gráficos de tendências não são dados reais do volume de pesquisa ou menções, mas sim proporções de popularidade.

Contei com os termos “não binário”, “gênero não binário” e “transexualidade”, bem como frases em que estas palavras-chave estão incluídas. Entre os resultados, destaca-se que no final de 2019 e no início de 2020 houve uma alta na popularidade dos temas pesquisados. Em comparação a 5 anos atrás, a média de popularidade dos temas vem crescendo. Os gráficos foram gerados no dia 02/05/2023.

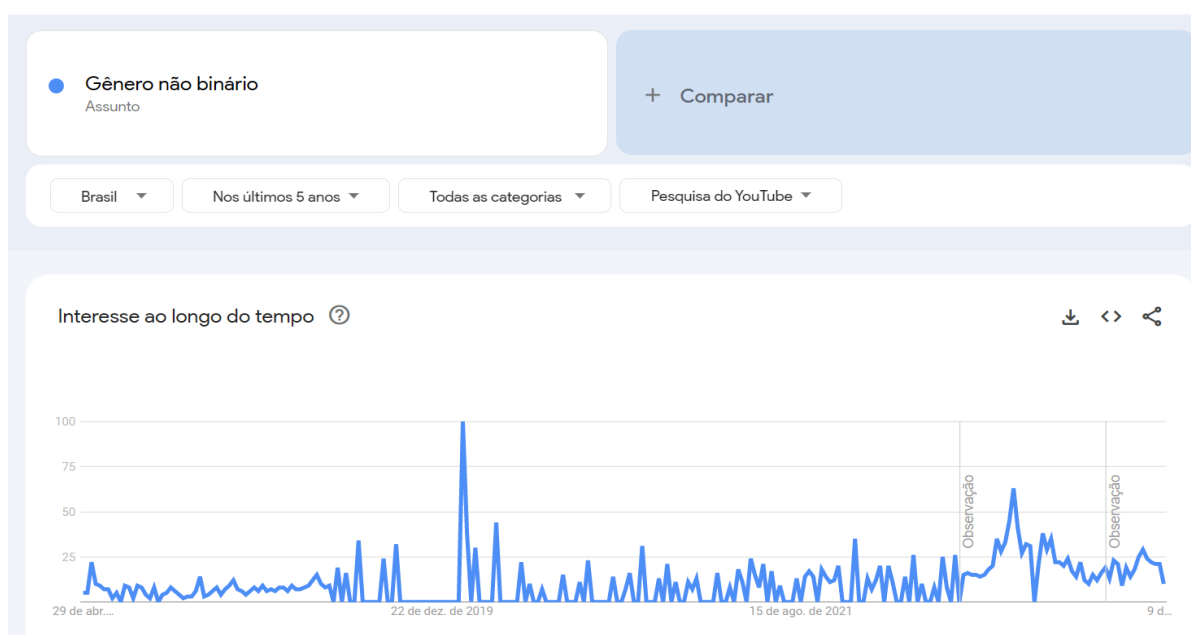


Gráfico 2. Popularidade do termo “Gênero não binário” nas pesquisas do YouTube. Observa-se que o pico de popularidade dos últimos anos foi no final de 2019 - início de 2020. No último ano, o interesse por esse tema aumentou.

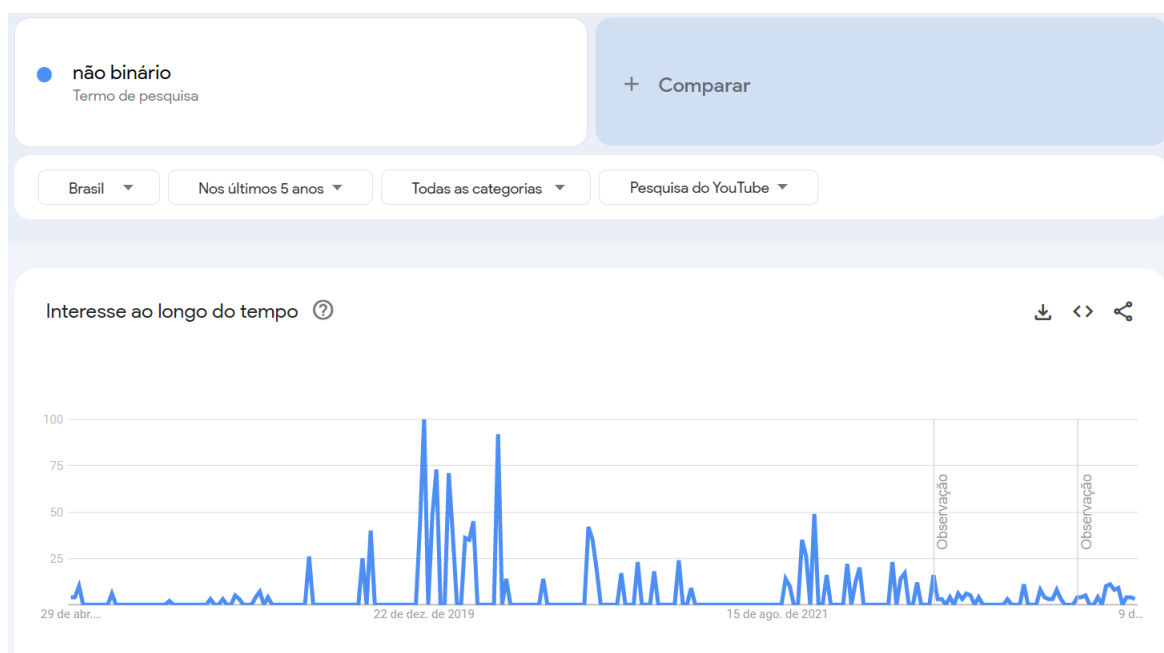


Gráfico 3. Popularidade do termo “não binário” nas pesquisas do YouTube. Observa-se que o pico de popularidade dos últimos anos foi no final de 2019 - início de 2020.

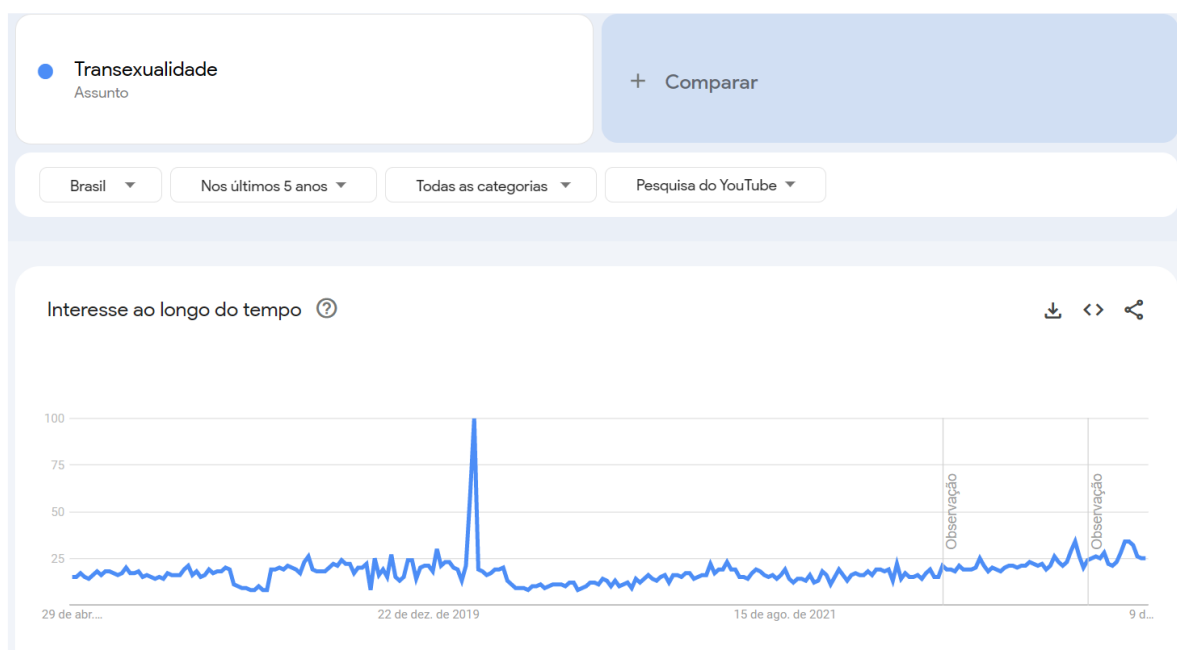


Gráfico 4. Popularidade do termo “transexualidade”. Observa-se que o pico de popularidade ocorreu no final de 2019/início de 2020. Houve um aumento progressivo nas pesquisas pelo termo..

Até aqui, abordamos a fundamentação teórica utilizada, assim como a justificativa da escolha do YouTube como plataforma de análise. Nos próximos capítulos, apresento as decisões metodológicas para construção da pesquisa, e a categoria de análise escolhida para o trabalho, bem como as limitações destas.

4. METODOLOGIA

A metodologia aplicada na pesquisa foi qualitativa, pois não pretendi quantificar a produção de vídeos, comentários ou menções sobre não binariedade. Aqui, quero mapear, a partir do corpus que tem despertado meu interesse, de que maneira integrantes da comunidade transgênero não binária se identificam, se comunicam e o que reivindicam.

Entre as metodologias de análise de dados qualitativos, sigo a Análise Temática, por ser uma forma mais flexível de análise qualitativa (SERRA, Liane; MACKEDANZ, Luis F., 2021).

A análise temática é apontada como um método analítico pouco demarcado e reconhecido, mas amplamente utilizado na área da Psicologia (BRAUN e CLARKE, 2006). (...) Ainda que não seja explicitamente reivindicada como um método de análise, argumentamos que boa parte da análise se apresenta como temática, podendo ser reivindicada como outra coisa ou não adotada como um método específico. Na verdade, um dos benefícios da Análise Temática (AT) é a sua flexibilização, para Braun e Clarke (2006, p. 3) “através da sua liberdade teórica, a análise temática fornece uma ferramenta de pesquisa flexível e útil, que pode potencialmente fornecer um conjunto rico e detalhado, ainda que complexo de dados”. SERRA, Liane; MACKEDANZ, 2021, pág 10.

Assim, decidi trabalhar com uma amostra intencional. Selecionei o corpus de análise partir das palavras chaves “não binário”, “não binariedade”, “trans não binário”, bem como pesquisas que incluem estas, como “o que é não binário”, “sou não binário”. Dentre estes, mapeei os canais de influenciadores cujos vídeos apareciam no topo dos resultados das pesquisas, levando em consideração também a quantidade de visualizações e comentários de cada vídeo. Descartei canais de veículos de comunicação, clipes de música e memes, já que tomei como objetivo analisar as definições de si. Cheguei a esta relação de canais do tipo *vlog*, então, levando em consideração a quantidade de visualizações, a colocação nos resultados de pesquisas das palavras chaves e a frequência com que os vídeos apareciam nestes resultados de pesquisas. Além disso, incluí vídeos famosos de *youtubers* frequentemente citados em vídeos de outros criadores, como Bryanna Nask.

Escolhi os vídeos de cada canal levando em consideração o conteúdo dos vídeos, para que se encaixassem na temática proposta, e dei preferência aos vídeos mais recentes sobre o tema em cada canal. Também incluí vídeos colaborativos entre alguns dos *youtubers* selecionados, a fim de observar consensos e dissensos.

Por estarmos tratando de YouTube, uma plataforma onde predomina o visual, sabemos que a metodologia abordada possui limites. Por se tratar de um projeto de TCC, deixamos de lado na análise materialidades significativas que não puderam ser abordadas, como os aspectos visuais e os espaços de discussão nos comentários.

Nesta análise temática, dividi o corpus de análise entre duas categorias, sendo elas: pedagógicas e relatos de si. A decisão por essas categorias veio da observação dos vídeos, a partir da qual os categorizamos de acordo com as funções que cumprem na plataforma. Podemos, assim, dividir a amostra em:

- Relatos de si: vídeos com caráter pessoal, com histórias de vida, vivências individuais, opiniões pessoais e acolhimento;
- Pedagógicas: vídeos com o objetivo de explicar e/ou ensinar sobre conceitos acerca de gênero e transexualidade;

É importante destacar que as categorias definidas acabam por se mesclar. Em vídeos de relatos, percebe-se que os *youtubers* buscavam trazer a definição de certos termos e explicação de ideais, para melhor entendimento do público. Já nos pedagógicas, os influenciadores mencionaram vivências individuais suas dentro do tema tratado.

A seguir, apresento a relação dos vídeos escolhidos divididos por categorias:

CATEGORIA	CANAL	DATA	VÍDEO
RELATO DE SI	Põe Na Roda	8 de jun. de 2021	Pessoas Não-Binárias Respondem: O que é ser não-binário? Como chamar? Qdo percebeu? https://youtu.be/Uu4PEFhV8N0
RELATO DE SI	Saia da Bolha	23 de jun. de 2021	Minha vivência NÃO BINÁRIE https://youtu.be/lv2eEJzyfDU
RELATO DE SI	Saia da Bolha	5 de out. de 2019	PRECISO TER DISFORIA ? - respondendo GÊNEROS NÃO BINÁRIO https://youtu.be/8tITlujueQ
RELATO DE SI	Chá dos 5	24 de set. de 2015	Chá dos 5 - GÊNERO NÃO BINÁRIO https://youtu.be/ELtAbIhS9XM
RELATO DE SI	Apenas Cup	30 de out. de 2021	O que significa ser AGÊNERO? https://youtu.be/Z31NAJMOOIQ
RELATO DE SI	Bryanna Nasck	17 de jul. de 2019	Coisas que somos OBRIGADES a ler por que somos TRANS NÃO-BINÁRIO https://youtu.be/XTHyy93v0vg

PEDAGÓGICO	Bryanna Nasck	18 de dez. de 2016	NÃO-BINÁRIO NÃO EXISTE! https://youtu.be/Qmw_3-2A_Ho
PEDAGÓGICO	Bryanna Nasck	16 de nov. de 2016	NÃO-BINÁRIO É TRANS? https://youtu.be/d9JmXWy2g2M
PEDAGÓGICO	Canal das Bee	15 de ago. de 2019	Gênero Não-binário - Guia Básico #7 - Canal das Bee https://youtu.be/HwmWqtAyj2E
PEDAGÓGICO	Sapatomica	26 de jan. de 2021	O QUE É NÃO-BINÁRIO? Sapatomica https://youtu.be/XI-9sg_icM
PEDAGÓGICO	Gênero Fluido	3 de jun. de 2022	Não binário Mitos e Verdades https://youtu.be/4GD3_JpQEaY
PEDAGÓGICO	Gênero Fluido	8 de abr. de 2022	Como saber se sou não binário? Não binário é trans? https://youtu.be/PZ_caMfqE10
PEDAGÓGICO	Gênero Fluido	29 de abr. de 2021	Como definir minha sexualidade e identidade de gênero? https://youtu.be/klskADlb-4k
PEDAGÓGICO	Apenas Cup	3 de out. de 2021	Explicando GÊNERO e NÃO-BINÁRIO https://youtu.be/rSPVwg8eOC4

PEDAGÓGICO	Apenas Cup	28 de jun. de 2020	Como SABER se sou GÊNERO FLUIDO? Tirando Dúvidas sobre GÊNERO FLUIDO https://youtu.be/xW1dnhwaNyl
PEDAGÓGICO	JEAN FERBELI	25 de jun. de 2020	SOU TRANS NÃO BINÁRIO? ENTENDA! https://youtu.be/_gxZhVUElzs

No próximo capítulo, abordaremos os resultados da análise temática dos vídeos e canais selecionados. Em primeira instância, abordarei as características, temas e métricas dos canais selecionados, bem como a identificação dos *youtubers* dentro da comunidade LGBTQIA+. A seguir, a partir de declarações dos *youtubers*, organizadas em categorias de acordo com a função que cumprem, discorro sobre a seus posicionamentos. Além disso, apresento vivências da comunidade trans e destaco concordâncias discursivas entre os influenciadores. Por fim, categorizo os principais achados da pesquisa.

5. RESULTADOS

5.1. Apresentação dos canais selecionados e suas métricas

Canal: Põe Na Roda

O canal @PoeNaRoda pertence ao influenciador Pedro HMC, nascido em 19 de fevereiro de 1985, atualmente com 38 anos. Em abril de 2023, o Põe na Roda possuía 1,23 milhões de inscritos e 703 vídeos publicados. O canal se apresenta como “Humor e informação fora do armário!”. Entre os principais vídeos do Pedro estão entrevistas, vídeos de humor, conteúdos sobre celebridades, e sobre a comunidade LGBT.

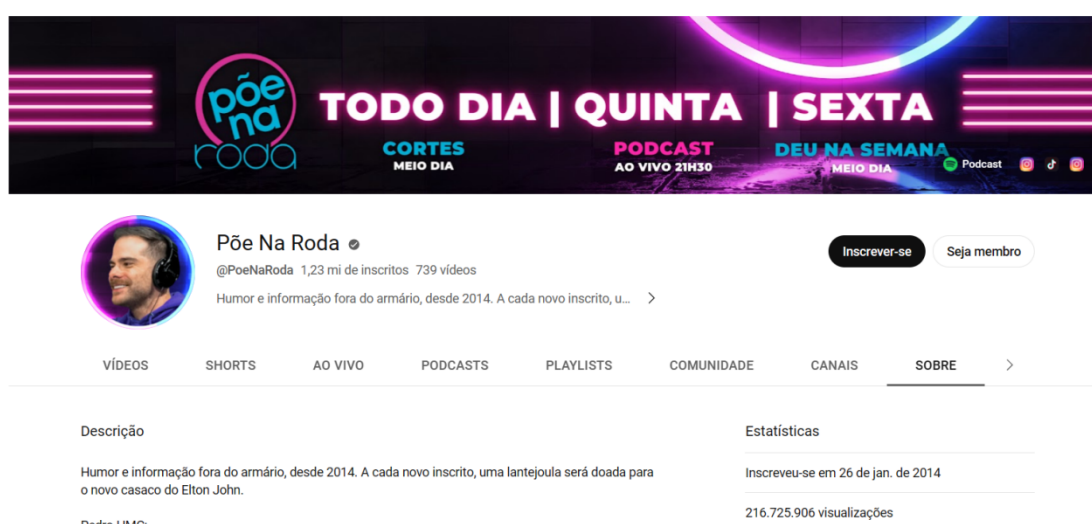


Figura 3. Captura de tela do canal Põe na Roda. Fonte: <https://www.youtube.com/@PoeNaRoda>

Em 2022, Pedro deu uma pausa na internet devido à morte do seu marido, Paulo Vaz. Paulo era um homem trans, policial, e estava num relacionamento aberto com Pedro. Após vazamentos de um vídeo íntimo do Pedro HMC com um paquera em março de 2022, o policial tirou a própria vida. Numa entrevista, Pedro apontou que a gota d'água para Paulo foram ataques transfóbicos vindo de outros homens gays. As redes sociais do casal foram bombardeadas de comentários como “Se o marido [Paulo] tivesse um pênis, [Pedro] não ia estar com outro”. Não é incomum que pessoas da comunidade LGBTQIAP+ apresentem comportamentos transfóbicos, principalmente na internet.

Este caso reflete o genitalismo vindo de pessoas cis dentro da própria comunidade LGBAP+. Segundo o artigo “Transviades contra o sistema transfóbico: Você sabe o que é genitalismo?”, de Shay de los Santos Rodriguez e Violet Baudelaire Anzin (2020), “o genitalismo é como convencionalmente chamamos o conjunto de ideias, signos e símbolos que foram construídos ao longo do tempo para criar um discurso em nossa sociedade sobre a ideia de genitália”. Assim, a sociedade reforça que o ser feminino ou masculino se funda na presença de vagina ou pênis, bem como define a sexualidade de um indivíduo de acordo com a atração por vaginas ou pênis. Nesse sentido, no contexto do genitalismo, não há espaço para pessoas transgênero que não passaram pela cirurgia de redesignação sexual.

Canal: Saia da Bolha – Yuki

O canal @SaiaDaBolha pertence ao estudante de psicologia Yuki, de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Em abril de 2023, o canal possuía 6,08 mil inscritos e 90 vídeos publicados. Yuki atende pelos pronomes elu/delu, ile/dile, e ele/dele, e se identifica como uma pessoa trans não binária. Além disso, Yuki é uma pessoa autista.



Figura 4. Captura de tela da página inicial do canal SaiaDaBolha_. Fonte: <https://www.youtube.com/@SaiaDaBolha>

O Saia da Bolha é um canal focado em conteúdos sobre a comunidade LGBTQIAP+, além de conteúdos sobre neuro divergências e vlogs. “Ensinamos a comunidade LGBTQIAP+ a mudar o mundo de forma real e sem perder a saúde mental”. Além disso, Yuki caracteriza seus seguidores como “Questionadores”.

Canal: Chá dos 5

O canal Chá dos 5 é um projeto de Marcell Filgueiras, Rafael Bolacha, Renato Plotegher, Matheus Faro e Tiago Marinho. Os cinco influenciadores criaram o canal juntos em 2014, onde desde então publicam debates sobre variados assuntos, como “polêmica, opinião, beleza e humor”. O canal possuía 48,2 mil inscritos, 347 vídeos publicados e mais de 3,4 milhões de visualizações em abril de 2023.

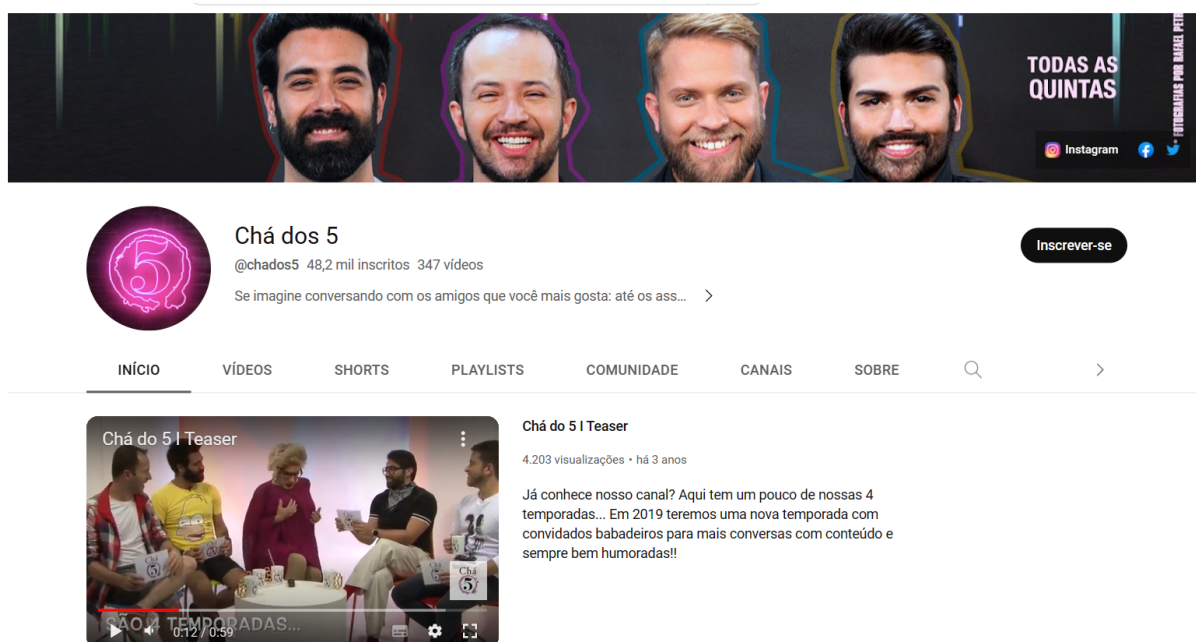


Figura 5. Captura de tela da página inicial do canal Chá dos 5. Fonte: <https://www.youtube.com/@chados5>

No vídeo Chá dos 5 - GÊNERO NÃO BINÁRIO, o entrevistado é Wallace Ruy, pessoa não binária, que discorre com Rafael, Renato e Tiago sobre temas relacionados à não binariedade.

Canal: Bryanna Nasck

O canal @BryannaNasck, da influenciadora não binária Bryanna Nasck, possuía 149 mil inscritos, 336 vídeos publicados e mais de 7 milhões de visualizações em abril de 2023. Ela atende por pronomes femininos e pelo neutro elu/delu.

Bryanna é de Tatuí, São Paulo, e produz conteúdos sobre não binariedade desde 2011. A influenciadora foi a mais citada em vídeos sobre não binariedade em outros canais do corpus de análise, indicando que ela é referência no YouTube quando se

trata do tema. Em seu canal, ela descreve que trata de “assuntos complexos como gênero, sexualidade e saúde mental de forma simples e bem-humorada”.

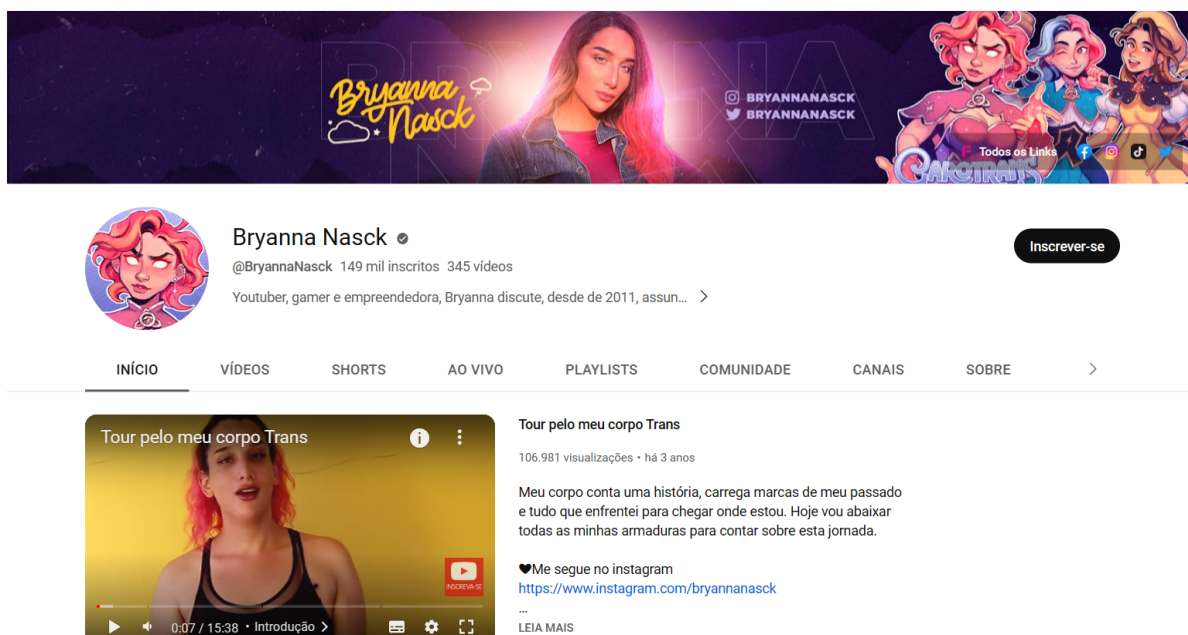
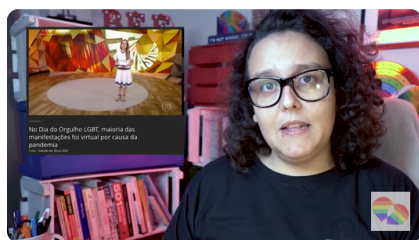
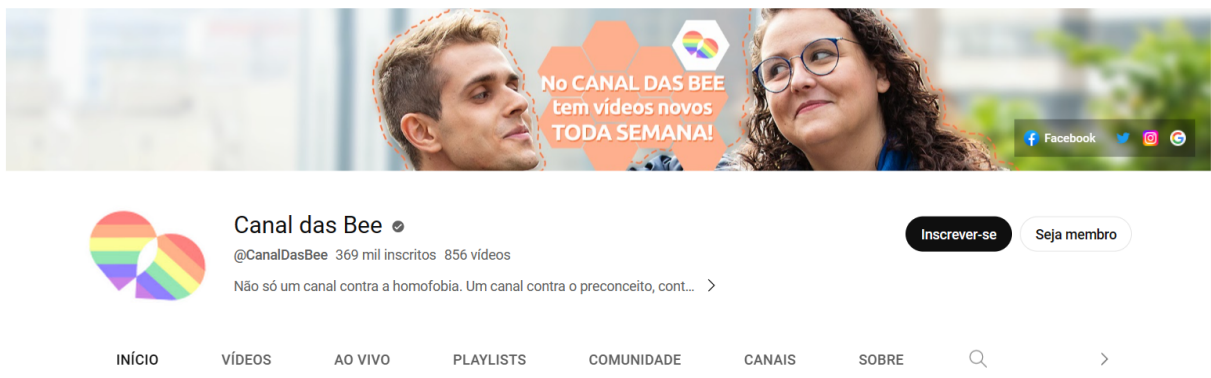


Figura 6. Captura de tela da página inicial do canal da Bryanna Nasck. Fonte: <https://www.youtube.com/@BryannaNasck>

Canal: Canal das Bee

O @CanalDasBee possuía 370 mil inscritos, 856 vídeos publicados e mais de 36 milhões de visualizações em abril de 2023. Criado em 2012 por Jessica Tauane, e atualmente apresentado por Fernanda Soares e Herbet Castro, o canal se descreve como “Um canal contra o preconceito, contra a transfobia, a bifobia, a lesbofobia e o machismo.”

Jessica Tauane é graduada em Comunicação e Multimídia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC). Fernanda Soares é cineasta formada pela FAAP, tem mestrado em Cinema pela Universidade de Ohio, nos EUA. Herbet Castro é arte-educador, ator, criador de conteúdo e apresentador. Os três moram em São Paulo atualmente.

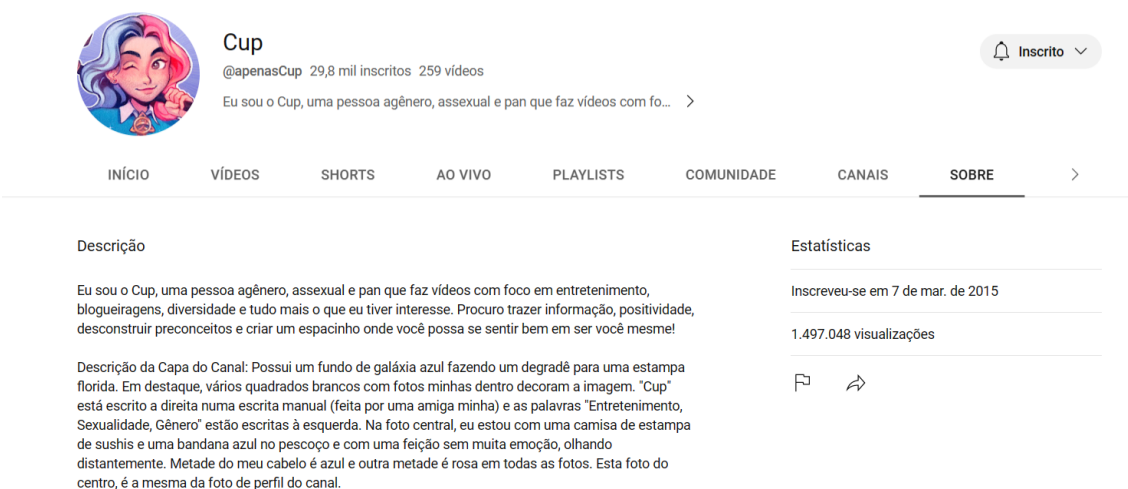


PRECISAMOS FALAR SOBRE - TODO LGBT É GAY?
 12.359 visualizações · há 2 anos
 Vamos conversar sobre termos inclusivos quando falamos da comunidade LGBTQI+.
 Links matérias:
<https://revistamarieclaire.globo.com/...>
<https://www.metrosoles.com/columnas-bl...>
 LEIA MAIS

Figura 7. Captura de tela do Canal das Bee. Fonte: <https://www.youtube.com/@CanalDasBee>

Canal: Apenas Cup

O canal @apenasCup, do influenciador não binário agênero Cup, possuía 29,7 mil inscritos, 244 vídeos e 1,4 milhões de visualizações em abril de 2023. Cup se identifica como uma pessoa agênero, assexual e panromântico, e atende por todos os pronomes (ele/elu/ela). Ela produz conteúdos de entretenimento, diversidade e bem-estar. “Procuro trazer informação, positividade, desconstruir preconceitos e criar um espacinho onde você possa se sentir bem em ser você mesmo!”, descreve. Cup também participa do Podcast Garotrans, junto a Bryanna Nask e Isabel Brandão.



Descrição

Eu sou o Cup, uma pessoa agênero, assexual e pan que faz vídeos com foco em entretenimento, blogueiragens, diversidade e tudo mais o que eu tiver interesse. Procuró trazer informação, positividade, desconstruir preconceitos e criar um espacinho onde você possa se sentir bem em ser você mesmo!

Descrição da Capa do Canal: Possui um fundo de galáxia azul fazendo um degradê para uma estampa florida. Em destaque, vários quadrados brancos com fotos minhas dentro decoram a imagem. "Cup" está escrito a direita numa escrita manual (feita por uma amiga minha) e as palavras "Entretenimento, Sexualidade, Gênero" estão escritas à esquerda. Na foto central, eu estou com uma camisa de estampa de sushis e uma bandana azul no pescoço e com uma feição sem muita emoção, olhando distantemente. Metade do meu cabelo é azul e outra metade é rosa em todas as fotos. Esta foto do centro, é a mesma da foto de perfil do canal.

Estatísticas

Inscriteu-se em 7 de mar. de 2015

1.497.048 visualizações

Figura 8. Captura de tela da descrição do canal Apenas Cup. Fonte: <https://www.youtube.com/@apenasCup>

Canal: Sapatomica

O canal @SapatomicaTV possuía 122 mil inscritos, 45 vídeos publicados e mais de 2 milhões de visualizações em abril de 2023. Criado por Be Alex Carbonieri, 31 anos, pessoa não binária lésbica de São Paulo. Alex começou a criar conteúdo em 2011 com o blog de cultura lésbica Sapatomica.com, que chegou a ter 1 milhão de visitas mensais na época. Hoje, Be Alex cursa psicologia e produz vídeos para o YouTube.

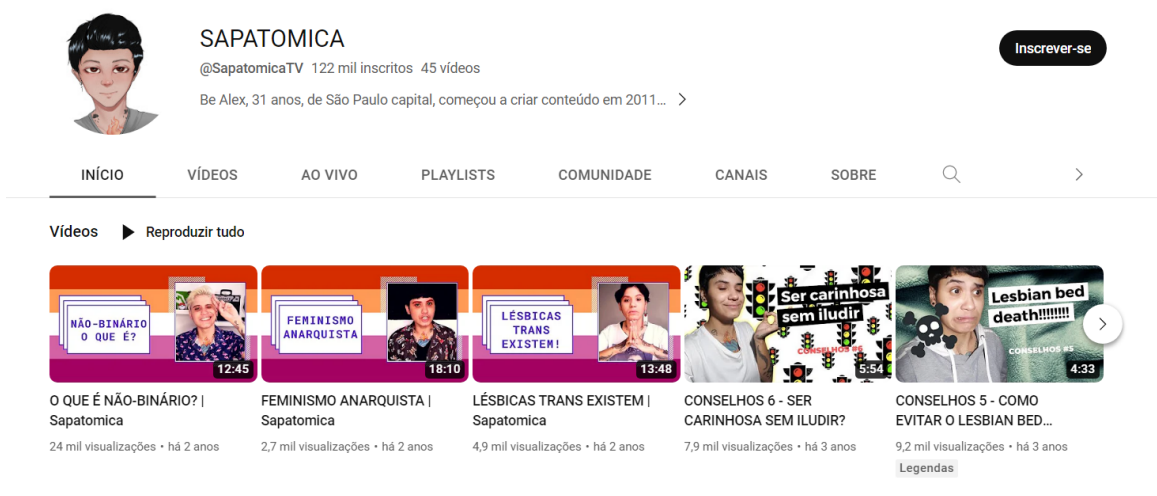


Figura 9. Captura de tela da página inicial do canal Sapatomica. Fonte: <https://www.youtube.com/@SapatomicaTV>

Canal: Gênero Fluido

O canal Gênero Fluido possuía 1,75 mil inscritos, 16 vídeos publicados e mais de 30 mil visualizações em abril de 2023. Criado por Gi Morales, pessoa não binária, os vídeos se propõem a ser “Diálogos sobre a construção social de gênero”. Gi atende pelos pronomes masculino e neutro.

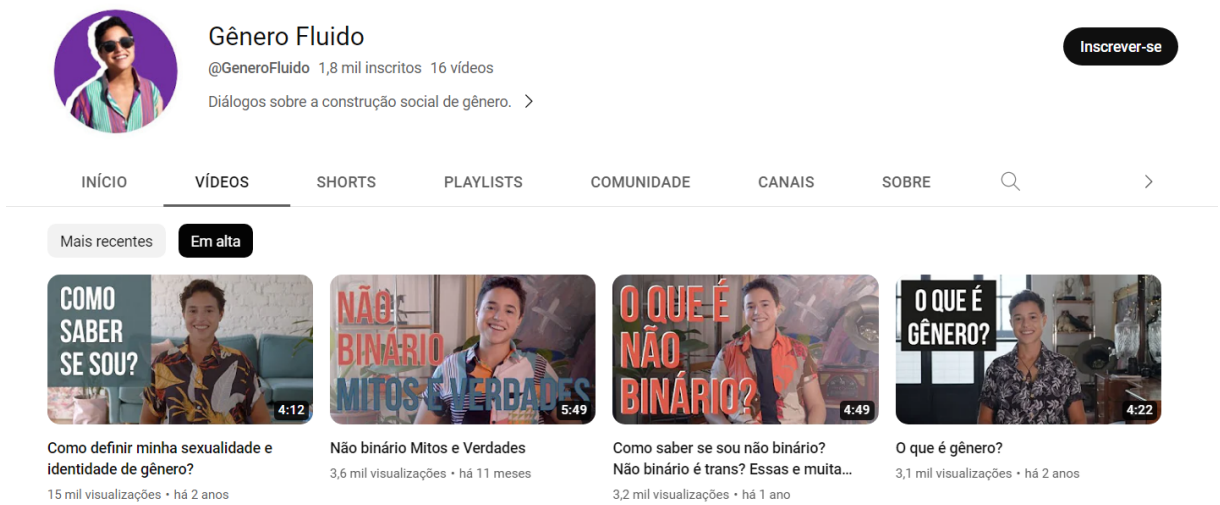


Figura 10. Captura de tela dos vídeos em alta do canal Gênero Fluido. Fonte: <https://www.youtube.com/@GeneroFluido>

Canal: Jean Ferbeli

O youtuber Jean Ferbeli possuía 1,32 mil inscritos, 53 vídeos e mais de 117 mil visualizações em abril de 2023. Nos últimos meses, Jean produziu quantidade considerável da nova categoria de vídeos curtos do YouTube, os Shorts. Seu canal agora é focado nestes pequenos trechos de humor, trends, transições, entre outros. O influenciador faz conteúdo sobre sua vivência na comunidade LGBTQIA+, além de maquiagens e celebridades.

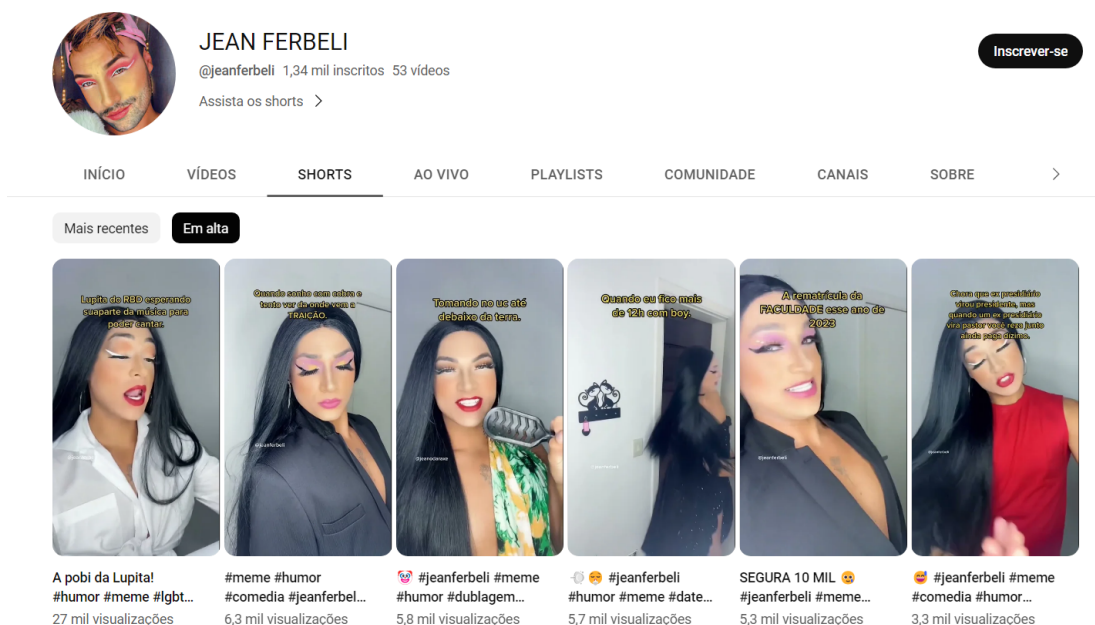


Figura 11. Captura de tela dos vídeos em alta do canal Jean Ferbeli. Fonte: <https://www.youtube.com/@JeanFerbeli>

5.2. Categoria “relatos de si”

Como as pessoas não binárias se enxergam? Quais são as suas reivindicações? Como lidam com o preconceito? A partir dos vídeos citados, discorro a seguir sobre os relatos de si.

Yuki, do canal Saia da Bolha, conta em vídeo sobre como foi não se sentir pertencente ao gênero que lhe foi imposto na sua infância. “Eu tentei me encaixar no mundo feminino, mas simplesmente eu não me sentia confortável.” Ele conta que desde criança não se enxergava como menina. Foi na adolescência, quando os hormônios começaram a agir, que ele “entendeu que era uma mulher para a sociedade”.

Eu menstruei, tive cólicas, os peitos cresceram, e começaram a aparecer pedófilos e assediadores. Porque assim, quando tu ‘é’ uma menina e seu corpo cresce um pouquinho, já aparece um monte de velho nojento. Desde os pais dos meus amigos até homens no meio da rua me chamando de gostosa. Foi aí que eu entendi que eu era mulher. Yuki, 2019.

Conforme crescia, Yuki conta que teve contato com outras pessoas trans, começou a estudar sobre o assunto e aos poucos percebeu que a sua identidade “poderia sim ser um pouco de cada [feminino e masculino]”. Em seus vídeos, Yuki avisa que não é homem nem mulher. Ele pede que o tratem utilizando pronomes neutros, e que aqueles que não sabem utilizar a linguagem neutra, poderiam usar o masculino. Ele ressalta: “não estou me contradizendo quando eu falei que não era um homem [ao utilizar pronomes masculinos]”. Yuki reforça que pronomes não necessariamente são fator determinante da identidade de gênero de um indivíduo, já que o português possui limitações quanto ao uso do gênero neutro.



Figura 13. Tumb do vídeo “Minha vivência não Binária”, do canal Saia da Bolha. Fonte: <https://youtu.be/lv2eEJzyfdU>

Yuki também traz a questão da disforia sendo uma pessoa não binária. “Disforia, é assim: tu vê o teu corpo mas tu não

gosta do teu corpo. Por exemplo, eu escondo meus peitos com várias roupas, colocava toalhas, uns ‘trecos’ para ficar reto.” Sendo seios uma característica dita feminina pelas normas sociais, Yuki se sente desconfortável em deixá-los aparentes, já que assim as pessoas deduzirão que ele é uma mulher.



Figura 14. Captura de tela do vídeo “PRECISO TER DISFORIA?”, do canal Saia da Bolha. Fonte: <https://youtu.be/8tITlujueQ>

Já o canal Põe na Roda entrevistou três pessoas não binárias no vídeo “Pessoas Não-Binárias Respondem: O que é ser não-binário? Como chamar? Qdo percebeu?”. No vídeo, um dos entrevistados é Sergio, Serginho, que participou do BBB 2010. Sergio nasceu em 1990 e se define como não binário. “Eu posso transitar muito do feminino para o masculino, mas não sendo aquele só o menino ou só uma menina.” Acrescenta que não se importa de ser chamado de ele ou de ela.



Figura 15. Tumb do vídeo “Pessoas Não-Binárias Respondem”, do Põe na Roda. Fonte: <https://youtu.be/Uu4PEFhV8N0>



Figura 16. Captura de tela da apresentação do ex-BBB Sergio no vídeo do Põe na Roda. Fonte: <https://youtu.be/Uu4PEFhV8N0>

O ex-BBB conta que segue sua “essência” com relação à sua aparência, aflorando bastante o andrógono, misturando o masculino com o feminino na sua aparência. “Você tem que saber o que seu psicológico te traz, o que te faz reconhecer, daí vem o gênero da pessoa. Eu comecei a me olhar no espelho me via mais do que um gay andrógono. Porque o ser não binário não está só no visual.” Ele ainda acrescenta que não dá para saber quem é não binário somente levando em consideração a aparência da pessoa. “Sendo gay, sendo hetero, sendo não binário, a gente tem que ser feliz”.



Figura 17. Captura de tela da apresentação de Ane Molina no vídeo do Põe na Roda. Fonte: <https://youtu.be/Uu4PEFhV8N0>

Ainda na entrevista do Põe na Roda, Ane Molina, de 42 anos, reforça que “a gente entende que a pessoa é não binária porque ela se auto define dessa forma, não necessariamente a aparência dela vai entregar tudo de cara”. Ela acrescenta que pronomes fazem diferença na medida em que a pessoa não binária diz que faz. Ou seja, vai muito da individualidade de cada um.

Desde de sempre eu soube que eu não era uma mulher [...] parecida com outras mulheres que foram modelos para mim, [...] então para mim foi muito mas achar um nome para isso com o tempo e com a pesquisa, do que realmente entender que eu era fora de um determinado padrão. Ane Molina, entrevistada pelo canal Põe na Roda.

Ane conta que teve o privilégio de ser acolhida pela sua família. Além disso, explica que ao se entender como uma pessoa não binária, ela pôde não só descobrir possibilidades como moldar sua própria definição a partir de um lugar que ainda não está definido. Segundo ela, essa é a parte mais divertida.

No vídeo “Coisas que somos OBRIGADES a ler por que somos TRANS NÃO-BINÁRIO”, Bryanna Nasck conversa com Apenas Cup sobre preconceitos que já enfrentaram por serem transgênero não binários. Ela relata que muitas pessoas acreditam que não binários não são trans de verdade. Bryanna brinca que já tem sua “carteirinha trans” já que foi “diagnosticada” com uma pessoa não binária pela sua psiquiatra. Cup complementa com o questionamento de porque imaginam que pessoas trans só vão ser validadas se tiverem laudo médico. Elas destacam que a da lista de doenças mentais da OMS, mas essa associação ainda está internalizada na sociedade.

A sociedade internalizada essa ideia de que ser trans é ter um distúrbio, é uma transmutação onde aquele ser vai conseguir modificar todo o seu corpo e existência para se encaixar seja em homem ou mulher. (...) E aí quando a gente fala que se identifica como não binário, que não quer se encaixar no binário, a sociedade não aceita, diz que não existe. Bryanna Nasck

As *youtubers* destacam que cada não binário vai ter uma existência única, e que é difícil que não binários vejam as suas identidades da mesma forma. A não binariedade permite que cada um tenha a liberdade de construir a sua própria

existência como quiser. Bryanna afirma que “sempre vão tentar jogar a gente para um lado ou para o outro, mas não há necessidade de escolher um lado. A minha identidade, a forma como eu construo quem eu sou, só diz respeito a mim mesmo.”



Coisas que somos OBRIGADES a ler por que somos TRANS NÃO-BINÁRIO



Bryanna Nasck ✓
149 mil inscritos

Inscriver-se

2,7 mil



Compartilhar



Figura 18. Captura de tela do vídeo “Coisas que somos OBRIGADES a ler por que somos TRANS NÃO-BINÁRIO”, colaboração entre Bryanna e Cup. Fonte: <https://youtu.be/XTHyy93v0vg>

Elas também falam sobre pessoas que ridicularizam não binários com afirmações como: ‘se você não é homem nem mulher, eu sou um helicóptero’. E Bryanna brinca: “Se você se identifica como um helicóptero, maneiro, sai voando, entende? Boa sorte na sua transição, só não há necessidade de você menosprezar as identidades das pessoas.”

5.3. Categoria “pedagógicos”

O que é ser não binário na perspectiva dos mesmos? Como as pessoas se caracterizam e explicam as definições nas redes sociais? A partir dos vídeos dos canais apresentados, discorro a seguir sobre as principais pautas pedagógicas abordadas pelos *youtubers* selecionados.

Nas palavras de Bryanna Nask, a transexualidade diz a respeito de “pessoas que vão além do gênero que lhes foi designado”. Ela acrescenta que a população trans teve, durante anos, seus corpos e mentes regulados por pessoas que não tinham a mínima noção do que era transcender as normas de gênero. “Por muito tempo a sociedade construiu e definiu como devemos nos sentir para sermos trans de verdade”. Em seus vídeos, Bryanna defende que ser transgênero não tem nada a ver com querer fazer cirurgias, seja de redesignação sexual, de colocar ou retirar seios, entre outras. “Ser trans faz referência a todas as pessoas que não se identificam com o gênero que lhe foi imposto no nascimento e pessoas não binárias não se identificam com o gênero que lhe foi imposto ao nascimento”, Bryanna Nask.

Cup também produziu vídeos para aconselhar pessoas que, assim como ele, passam por questionamentos de gênero. Ele defende que, apesar de todo o preconceito, temos o direito de expressar o gênero da nossa maneira. Mesmo assim, é importante estar ciente que o convívio social é importante para o bem-estar do ser humano, e uma das coisas que fazem parte do convívio são os papéis de gênero. É comum que pessoas trans se isolem socialmente por medo da repressão e preconceito, contudo, é crucial continuar buscando uma rede de apoio para manter o convívio social e a saúde mental.

Em seu canal, Cup explica que se identifica como agênero. E que ser agênero faz dele uma pessoa trans não binária, já que a sociedade espera que ele seja um homem e ela não se identifica dessa forma - se encaixa assim, na definição de uma pessoa transgênero. Cup também destaca que gênero não é sexo, e que gênero diz sobre como o indivíduo se entende socialmente.

Uma pessoa agênero é uma pessoa que não se identifica com gênero nenhum. Não se identifica como um homem, não se identifica como mulher, não se identifica com nenhum conceito de gênero. Por isso que tem um “a-” no começo. Ele é o prefixo de negação. (...) Então eu não estou dizendo que eu não sou nada, estou dizendo que todo esse sistema baseado em gênero para a construção de sua identidade não faz sentido algum para mim. Eu sou Cup, e isso é suficiente para mim.

Cup explica que agênero não é a mesma coisa que falar que gênero neutro. Uma pessoa agênero não se identifica com nenhum gênero. Uma pessoa de gênero neutro se identifica de forma neutra.



Figura 19. Captura de tela do vídeo “Explicando GÊNERO e NÃO-BINÁRIO”, de Apenas Cup. Fonte: <https://youtu.be/rSPVwg8eOC4>

As pessoas me perguntam como é que a minha vida muda por ser uma pessoa agênero? Eu tenho que ser uma pessoa quebradora de tabus? Eu tenho que ser chamado só no neutro? Eu tenho que ser super andrógino? Tenho que me recusar a entrar em banheiros masculinos e femininos? Como é que é isso?

Mesmo que a cultura de gênero influencie na maneira em que as pessoas se veem e também nos seus comportamentos, ser agênero é não assumir essas regras para si. Ela exemplifica que, por não se identificar com nenhum gênero, não se baseia nos conceitos de roupa de homem ou de mulher na hora de montar seu guarda-roupa. E isso não quer dizer necessariamente ter uma estética andrógina.

Em relação a linguagem, Cup se sente confortável com qualquer flexão de gênero. Seja ele/dele, ela/dela ou flexões neutras como elu/delu ou ile/dile. Destaca novamente que isso não é uma regra para os agêneros, não existe regra. “Não existe uma lista de como eu deveria ser só por não identificar com o gênero nenhum. Isso não faz sentido! Não é sobre isso.”

Sobre banheiros, ela diz que prefere não usar banheiros públicos no geral. Na necessidade, acaba por usar o masculino, porque é o banheiro que ele se sente mais seguro de usar.

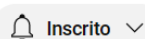
Pessoas que não me conhecem e não tem nenhum dever de adivinhar como eu me identifico, elas vão me olhar e vão me entender enquanto um homem. Um homem esquisito, mas homem. E aí o que acontece é que quando eu vou no banheiro eu só quero fazer um xixizinho, eu quero olhar no espelho, eu quero lavar a mão, não é uma grande questão. Não devia ser uma grande coisa. Mas, como você já deve ter entendido, isso não quer dizer que essa é a experiência de todas as pessoas agênero como eu.



O que significa ser AGÊNERO? |



Cup
29,8 mil inscritos



1,5 mil

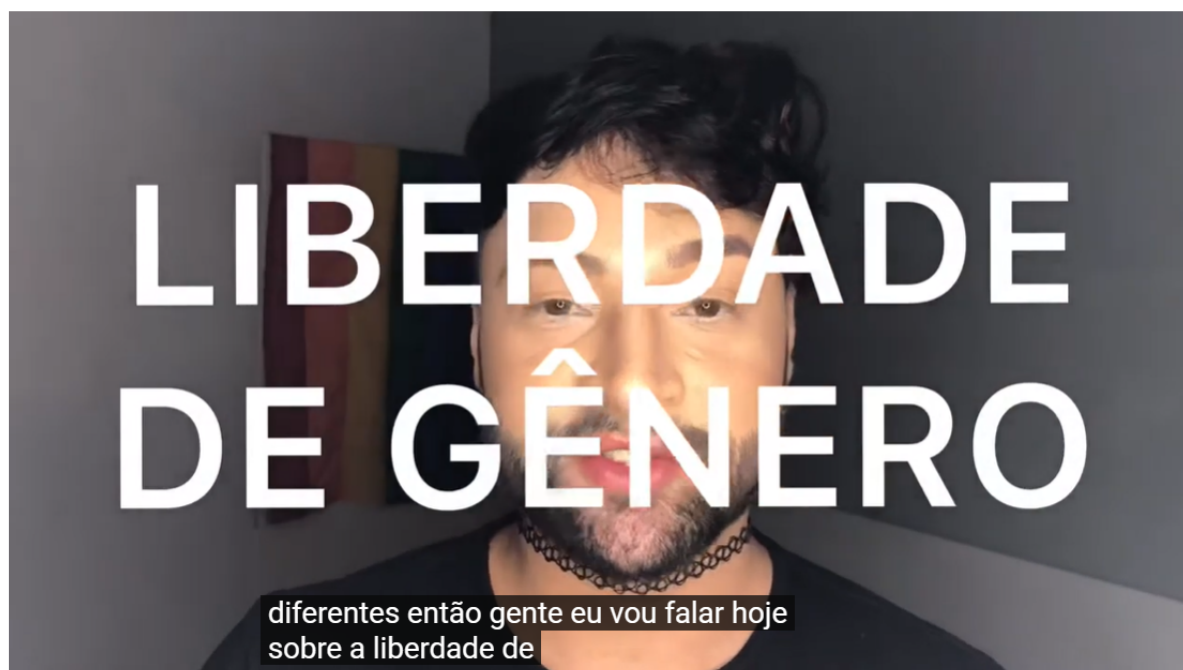


Compartilhar



Figura 20. Captura de tela do vídeo “O que significa ser AGÊNERO?”, de Apenas Cup. Fonte: <https://youtu.be/Z31NAJMOOIQ>

Jean Ferbeli, explica em seu canal que “expressão de gênero é como você se expressa para o mundo”. Uma pessoa é transgênero que a partir do momento que não se identifica com sexo seu biológico, segundo Jean.



SOU TRANS NÃO BINÁRIO? ENTENDA!



JEAN FERBELI
1,34 mil inscritos

Inscriver-se

236



Compartilhar



Figura 21. Captura de tela do vídeo “SOU TRANS NÃO BINÁRIO? ENTENDA!”, de Jean Ferbeli. Fonte: https://youtu.be/_gxZhVUEIzs

Ele defende que não é o sexo biológico determina como o indivíduo vai se expressar para o mundo ao andar, falar, sentar, dançar, cantar, ou se relacionar. “Rosa para meninas e azul para menino é tudo uma invenção da sociedade”, diz Jean.

A identidade de gênero é como você se reconhece como você se sente por dentro. É uma coisa muito íntima sua. Se olha no espelho e se sente como um homem você é um homem agora se você se olha no espelho e se sente como uma mulher você é uma mulher. Ou se você se olha no espelho e não se reconhece com nenhum desses dois, tudo bem. É aí onde entra a não-binaridade.

Miguel, 24 anos, homem trans não binário, também entrevistado pelo Põe na Roda, explica que deduzir gênero pela aparência é cultural. “Se eu estou de calça, camisa, meu seio não está aparecendo: sou um homem. Se eu tenho seio grande, cabelo longo, sou uma mulher”, diz ele.



Figura 22. Captura de tela da apresentação de Miguel Tampellini no vídeo do Põe na Roda. Fonte: <https://youtu.be/Uu4PEFhV8N0>

No vídeo “O que é não binário?”, do canal Sapatomica, Be Alex conta que quando uma pessoa sai da visão binária, percebe que os seres humanos são infinitos dentro de si e não existem limites para como as pessoas podem se identificar. “Sim, homens e mulheres existem, só que o ponto é simples existe muito mais além disso”. Alex explica que existem várias subcategorias para os não binários, já que é um termo guarda-chuva e não um gênero único. “Existem diversos gêneros não-binários e é por isso que cada pessoa vive a experiência não-binariedade de uma maneira”. Assim, destaca que é importante sempre perguntar quais pronomes a pessoa utiliza. “Eu aceito ser chamado por qualquer pronome, mas essa é a minha preferência pessoal.” Sobre o uso de pronomes neutros, Be afirma que:

A utilização de pronomes neutros no nosso país Brasil ainda vai demorar, vamos passar por um processo longo de adaptação, mas todos nós somos capazes de aprender a utilizar a linguagem neutra. Essa mudança precisa ocorrer de forma natural, com bastante paciência.

O *youtuber* relembra que houve uma época em que a homossexualidade era considerada uma loucura, uma doença. E que a transexualidade deixou de ser considerada doença mental há poucos anos. “Ser uma pessoa não binária também é algo que a gente não controla, assim como ser lésbica, gay..”



O QUE É NÃO-BINÁRIO? | Sapatomica



SAPATOMICA
122 mil inscritos

Inscriver-se

2,8 mil



Compartilhar



Figura 23. Captura de tela do vídeo “O QUE É NÃO BINÁRIO?”, do Sapatomica. Fonte: https://youtu.be/XI-9sg__icM

Passei 29 anos sendo uma pessoa não binária sem externar isso. Muitas pessoas passam a vida inteira delas sendo não binárias e não explicam para as outras pessoas ou por não saber explicar ou principalmente por medo do preconceito da não aceitação até mesmo dentro da comunidade LGBT - o que é um medo real porque diariamente pessoas inclusive dentro da comunidade nos abordam dizendo que a não binariedade é uma invenção.

Be Alex traz alguns exemplos de identidades de gênero que estão dentro do guarda-chuva da não binariedade, como agênero (não se encaixar nenhum gênero), bigênero (se identificar com dois gêneros ao mesmo tempo) e intergênero (usado apenas por pessoas intersexuais que também são não binárias).

No vídeo “Gênero Não-binário - Guia Básico #7”, do Canal das Bee, Fernanda e Hebert explicam sobre os principais tópicos e questionamentos quanto a não binariedade. Apesar de não se identificarem como não binários, os apresentadores destacam a importância do respeito e expressam seu apoio à comunidade trans.



Gênero Não-binário - Guia Básico #7 - Canal das Bee



Canal das Bee ✓
369 mil inscritos

Seja membro

Inscriver-se

11 mil



Compartilhar



Figura 24. Captura de tela do vídeo “Gênero Não-Binário - Guia Básico”, do Canal das Bee. Fonte: <https://youtu.be/HwmWqtAyj2E>

Eles citam a frase de Bryanna Nask “pessoas que vão além do gênero que ele foi designado”, que explica o que é ser uma pessoa transgênero. Neste sentido, algumas pessoas sentem a necessidade de fazer intervenções cirúrgicas ou tratamentos hormonais, mas não é regra para os não binários. Hebert destaca que:

Importante lembrar que a gente está falando de uma pessoa, de uma identidade humana, e não de uma lei, ou de alguma coisa com a qual se pode legislar. Nenhum juiz, advogado, médico ou qualquer outro profissional pode ter o direito de julgar o que você é, e como você se identifica.

O termo não binário surgiu para isso, para que pessoas fora do binário pudessem ser representadas. Assim, Fernanda defende que “a gente não pode começar a julgar o amiguinho, senão a gente vai estar fazendo o mesmo que as pessoas não fazem parte do LGBTQIA+ fazem com a gente.”

E como tratar essas pessoas? Eles respondem que a forma mais fácil de acertar é perguntando. Sugerem frases como “Como você deseja que eu te trate? Qual pronome eu posso usar com você?”. Para pessoas cis, as Bee alertam que “tudo

bem errar contanto que seja sempre com a melhor intenção, e sabendo que temos que tentar se adequar para não ofender as pessoas”.

No vídeo “Chá dos 5 - GÊNERO NÃO BINÁRIO”, Wallace Ruy, pessoa não binária e convidada da vez no canal Chá dos 5, esclarece dúvidas e questionamentos sobre a não binariedade. Wallace explica que as pessoas não binárias não são necessariamente iguais. Ser não binário não quer dizer andrógina, não é algo estético nem visual.

Sobre sexualidade, ela esclarece que “pessoas não binários podem ser sim gênero hétero, gay, bissexual, o gênero independe do comportamento sexual porque são coisas distintas”.



Chá dos 5 - GÊNERO NÃO BINÁRIO



Chá dos 5
48,2 mil inscritos

Inscrição

2,6 mil



Compartilhar



Figura 25. Captura de tela do vídeo “Chá dos 5 - GÊNERO NÃO-BINÁRIO”. Fonte: <https://youtu.be/ELtAbIhS9XM>

Ela destaca também as diferenças e semelhanças entre *genderqueer* e não binariedade. Segundo ela, gênero *queer* abrange todas as identidades fora do padrão binário, sendo um termo muito mais político que identitário. Wallace explica que esses termos surgem justamente da necessidade do indivíduo de se classificar de alguma forma.

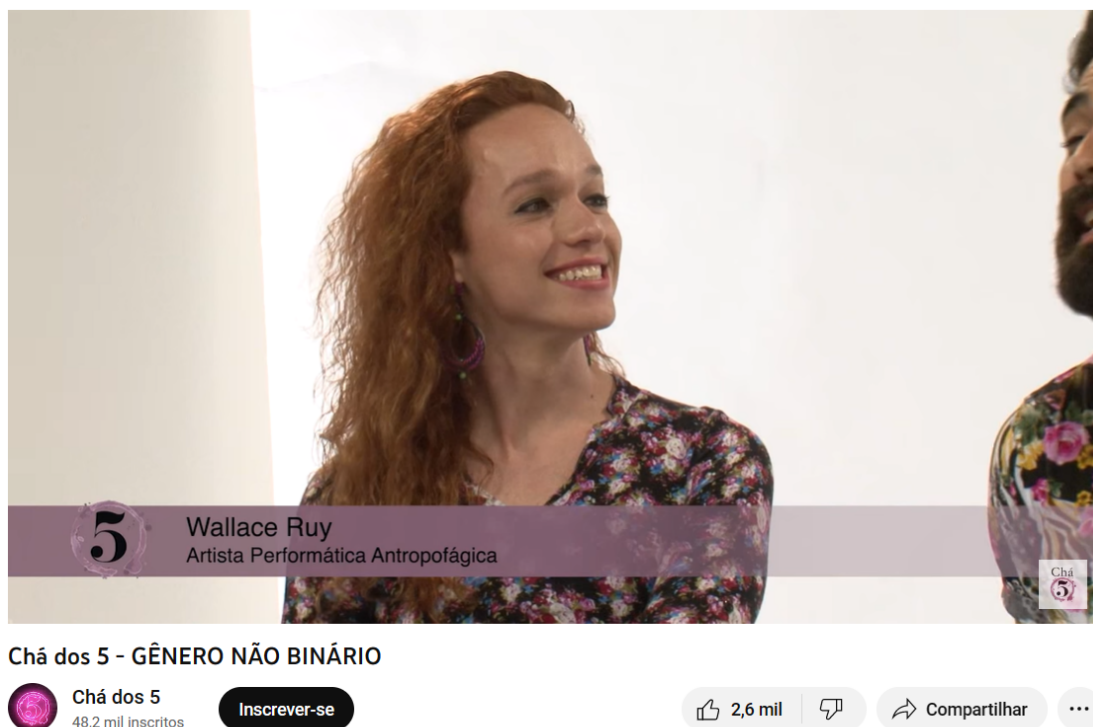


Figura 26. Captura de tela da apresentação de Wallace Ruy no vídeo canal Chá dos 5. Fonte: <https://youtu.be/ELtAbIhS9XM>

Já o canal Gênero Fluído, do Gi Morales, explica o que é ser não binário visando ajudar outras pessoas que possam estar questionando seu gênero. No vídeo “Como saber se sou não binário? Não binário é trans? Essas e muitas outras respostas aqui!”, Gi aconselha a seus seguidores que “cabe a você entender quais rótulos ajudam ou não no seu processo identitário, apenas você pode definir a sua identidade de gênero”.

O youtuber destaca a importância de contar com o apoio de um psicólogo que entenda sobre os diferentes aspectos de gênero, já que não é uma jornada simples. Ele incentiva a quem esteja com questionamento de gênero, que também converse com outras pessoas da comunidade e assista a conteúdos sobre transgeneridade.

Gi explica que a sociedade é dividida entre homens e mulheres com regras de comportamento e vestimenta, definidos para cada um desses, mas temos que lembrar que essas regras foram e vão continuar mudando ao longo dos anos. “Aquele ‘gênerozinho’ que colocam nos seus documentos impõe como as pessoas te percebem e o que esperam de você. Esses conceitos que nos dividem foram criados socialmente, e por isso eles variam dependendo da época ou da região.”



Como saber se sou não binário? Não binário é trans? Essas e muitas outras respostas aqui!



Gênero Fluido
1,81 mil inscritos

Inscriver-se

437



Compartilhar



Figura 27. Captura de tela do vídeo “Como saber se sou não binário?” do canal Gênero Fluido.

Fonte: https://youtu.be/PZ_caMfqE10

“Pessoas não binárias precisam transicionar?” Gi Morales responde em vídeo ao comentário que recebeu, questionando se pessoas não binárias passam pela transição. Gi explica que socialmente os indivíduos vão ser lidos enquanto homem ou mulher. Mesmo que a pessoa se identifique como não binário e retifique seus documentos, as relações sociais ainda estão baseadas na divisão binária. Assim, “é comum que uma pessoa não binária sinta um desconforto muito grande sendo lido com o gênero que foi atribuído no nascimento, e então decida transicionar para o oposto e continuar se identificando enquanto não binário”.

No final, a performance não binária é tão individualmente construída, que independente da aparência atual da pessoa, esta pessoa pode se identificar como não binária. Independente de transição, hormônio, expressão de gênero, androginia, nem quer dizer não fazer performance masculina ou feminina.

Não podemos esquecer que a sociedade apresenta preconceitos, violência, dificuldade de encaixe no mercado de trabalho tradicional entre outras, para pessoas que expressam visualmente algo fora do padrão. Então é esperado que todos se

esforcem para que não sejam socialmente punidos por serem diferentes. Não é como se fosse um processo fácil simplesmente mudar sua aparência ou o jeito de ser que lhe foi ensinado e exigido desde o início da sua vida. Então também existem muitas pessoas que se acomodam num espaço que lhes foi dado para evitar sofrimentos adicionais. Além disso, os procedimentos de transição envolvem dinheiro e investimento, além de necessidades de saúde a serem atendidas para que as mudanças aconteçam, o que geralmente demora anos, principalmente quando a pessoa já passou pela fase da adolescência e já tem expressão do sexo biológico bem aparentes.



Não binário Mitos e Verdades



Gênero Fluido
1,8 mil inscritos

Inscrição

460



Compartilhar



3,6 mil visualizações há 11 meses SÃO PAULO

Figura 28. Captura de tela do vídeo “Não binário Mitos e Verdades” do canal Gênero Fluido. Fonte: https://youtu.be/4GD3_JpQEaY

Há pessoas que, devido a condições hormonais, não apresentam expressão do sexo biológico tão definidas, ou que apresentam características de ambos os sexos, como as pessoas intersexo. Essas nuances existem e deveriam ser consideradas naturais da sociedade humana, sem questionamento ideológico envolvido.

Em entrevista no canal Apenas Cup, Gi Morales esclarece a definição de gênero fluído. “Ser gênero fluído é se dar essa liberdade de fluir, não necessariamente entre homem e mulher - porque as pessoas são presas muito nessa ideia binária. A pessoa pode fluir do masculino para o neutro, do feminino para o neutro para demi gênero, e muitas outras possibilidades.”



Figura 29. Captura de tela da colaboração entre Apenas Cup e Gênero Fluído. Fonte: <https://youtu.be/xW1dnhwaNyl>

Gi explica que existem várias outras formas de se identificar uma pessoa gênero-fluido, e que esses rótulos são criados para facilitar a comunicação, e não para limitar.

Acredito que as pessoas assumem que seja algo como ‘acordei homem’ ou ‘acordei mulher’, mas não é verdade. Outra coisa que as pessoas acabam assumindo muito sobre pessoas gênero-fluido é que tem que estar fluído todo dia, ou que tem que estar mudando sua aparência completamente o tempo todo. Existe também uma cobrança de androginia. (...) Geralmente algumas se identificam com o mesmo gênero por um ano, e depois tem alguma mudança, e podem ocorrer períodos longos de tempo também.

5.4. Análise geral e principais achados da pesquisa

A palavra respeito resume as necessidades apontadas pelas pessoas transgênero não binárias nos vídeos analisados. Direito ao nome, à existência, à liberdade de expressão. As pautas reivindicadas se relacionam e se misturam às lutas da comunidade transgênero no geral, que é comumente vista de forma binária.

Destaco que o Brasil ainda é o país que mais mata pessoas trans no mundo, segundo dados de 2022 da Antra - Associação Nacional de Travestis e Transexuais. Nos relatos, foi destacado que parcela dessa comunidade trans no Brasil acaba por se identificar dentro do binário a partir do momento em que temem não serem reconhecidos ou entendidos. Deve-se lembrar que no Brasil, as identidades de gênero não binárias ainda não são reconhecidas por lei.

Além disso, vimos que pessoas não binárias não tem “cara”, ou seja, caso estas pessoas não externem sua identificação, não há como deduzir apenas pela aparência. Algumas aparentam ser mulheres ou homens transgêneros ao olhar da comunidade, por isso sofrem preconceitos de acordo com esta sua performance no convívio social.

Em se tratando de linguagem, percebe-se que a normalização da utilização de pronomes neutros no Brasil ainda vai demorar. Serão necessários anos de adaptação e aprendizado para que um dia a linguagem neutra se torne popular. Não quer dizer, contudo, que seja um processo impossível.

A seguir, discorro sobre as conclusões sobre as definições de si de pessoas não binárias, a partir dos resultados encontrados pela pesquisa.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise temática deste trabalho, pode-se compreender que as principais necessidades sociais das pessoas não binárias do Brasil estão relacionadas ao reconhecimento da existência dessa comunidade.

A realização do mapeamento de canais e vídeos demonstrou que a temática possui singularidades em relação às outras identidades da comunidade LGBTQIA+, justamente por causa do caráter individualmente construído das identidades não binárias. Quando encaramos gênero como um espectro de possibilidades, as definições de si tornam-se singulares e inovadoras. Ainda existem possibilidades de classificações dentro da não binariedade (como agênero, bigênero, intergênero..). Se classificar com uma dessas, porém, não é obrigatório dentro da comunidade.

Observamos então, que as pessoas transgêneras não binárias, ao invés de se moldar para performatizar um determinado gênero, moldam suas definições de gênero de acordo com suas vivências e necessidades individuais.

Podemos concluir também que, das duas categorias, a predominante entre o *corpus* de análise foi a de vídeos pedagógicos. Parte significativa dos conteúdos é focado em explicar o que é ser não binário, e as particularidades dessas vivências, seja para pessoas que estão questionando seu gênero, ou para curiosos que buscam entender o que significa o termo. Se explica muito sobre sexo versus gênero, subcategorias da não binariedade, definições da transegeneridade, também questões sobre pronomes de tratamento, aparência e transição.

A categoria “relato de si” em resumo trata de duas questões principais: ser identificade e aceite e como ser nomeade. Como conclusão, este trabalho destaca características observadas nas definições de não binariedade pela comunidade LGBTQIA+, bem como suas particularidades. Ou seja,

7. REFERÊNCIAS

- BARREIRA, Marília Maia L. MAIA, Luciana Maria. **Ações Ciberativistas LGBTQIA+ no YouTube: Identidades e Minorias Ativas**. Em *Psicologia: Ciência e Profissão* 2022 v. 42, p. 1-13.
- BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond. 2006.
- BENTO, Berenice. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense. 2012.
- BENTO, Berenice. **Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos**. Salvador: EDUFBA, 2017
- BISPO, Raphael. **Jovens Werthers: amores e sensibilidades no mundo Emo**. Rio de Janeiro: Multifoco. 2012.
- BOOTH, Wayne C.; COLOMB, Gregory G.; WILLIAMS, Joseph M. **A arte da pesquisa**. 2000 Booth. São Paulo: Martins Fontes. 2005.
- BUTLER, Judith. **Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”**. N-1. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2019.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. São Paulo: Editora Record, 2012
- BUTLER, Judith. **Desfazendo gênero**. São Paulo: Editora Unesp. 2022
- CORUJA, Paula. **Vlog Como Gênero No Youtube: A Profissionalização Do Conteúdo Gerado Por Usuário**. *Revista Comunicologia*. Brasília, UCB, v. 10, n. 1, p. 46 – 66, jan./jun. 2017.
- DIAS, Morena Melo; MOTA JUNIOR, Edinaldo Araujo; GUTMANN, Juliana Freire. **Corpos em rede e o direito de aparecer: o Dia da Visibilidade Trans no YouTube**. *Contracampo, Niterói*, v. 41, n. 2, p.1-18, mai/ago. 2022.
- DOS REIS, N., & PINHO, R. (2016). **Gêneros Não-Binários: Identidades, Expressões E Educação**. *Reflexão E Ação*, 24(1), 7-25. <https://doi.org/10.17058/rea.v24i1.7045>

FERREIRA, Sergio. **A respeito da categoria (trans/cis) gênero: a representação da identidade de gênero e a cisgeneridade compulsória**. Revista Eco-Pós, 24(3), 355–380. 2021. <https://doi.org/10.29146/ecopos.v24i3.27576>

FERREIRA, Sérgio Rodrigo da Silva. **Corpo, natureza e artifício: discursos mediados como máquinas de construir corpos sexuados**. Logos, [S.l.], v. 28, n. 2, maio de 2022. ISSN 1982-2391. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/60881/42184>>.

Acesso em: 06 mai. 2023. doi:<https://doi.org/10.12957/logos.2021.60881>.

FERREIRA, Sergio. NATANSOHN, Graciela. **Digitalização de si: algumas contribuições teóricas para entender o corpo em ambientes digitais**. I CONGRESSO INTERNACIONAL EM HUMANIDADES DIGITAIS. Rio de Janeiro, abril de 2018.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal. 1988.

FRANCO, Melina Fleury. **Vlogs: um estudo sobre cultura participativa e interesse do público no YouTube**. Brasília, 2015.

GOOGLE. **Think with Google**. Disponível em: www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br. Acesso em: 06 mai. 2023.

HARAWAY, Donna. **“Gender” for a Marxist Dictionary: the Sexual Politics of a Word**. In: Simians, Cyborgs, and Women. The Reinvention of Nature. Londres, Free Association Books Ltd., 1991, capítulo 7, pp.127-148. Tradução: Mariza Corrêa; Revisão: Iara Beleli; Cadernos Pagu, n. 22, pp.201-246, 2004

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Editora Aleph, ed. 2, 2006.

LEMO, P. M.; ANDRADE, A. G. de S.; CARDOSO, B. M. L. Subvertendo Gênero: O Lugar da Não-binaridade Numa Análise Discursiva de Conteúdos Midiáticos. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, [S. l.], v. 9, n. 3, p. 314–326, 2020. DOI: 10.17267/2317-3394rps.v9i3.3132. Disponível em: <https://journals.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/3132>. Acesso em: 6 mai. 2023.

MONTEIRO, M. C. A Construção Social De Gênero Para Crianças Através Do Youtube. **Revista Sociais e Humanas**, [S. l.], v. 33, n. 2, 2020. DOI: 10.5902/2317175842394. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/sociaisehumanas/article/view/42394>. Acesso em: 6 mai. 2023.

DIAS, Morena Melo; MOTA JUNIOR, Edinaldo Araujo; GUTMANN, Juliana Freire. **Corpos em rede e o direito de aparecer: o Dia da Visibilidade Trans no YouTube**. *Contracampo*, Niterói, v. 41, n. 2, p.1-18, mai/ago. 2022

SOUZA, E. M. DE .; CARRIERI, A. DE P.. A analítica queer e seu rompimento com a concepção binária de gênero. RAM. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 11, n. 3, p. 46–70, maio 2010.

NICHOLSON, L. **Interpretando o gênero**. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 9-42, 2000.

OPINION BOX. **Painel de Consumidores do YouTube no Brasil**. 2021. Disponível em: <https://materiais.opinionbox.com/>. Acesso em: 6 mai. 2023.

PETRY, A. R.; MEYER, D. E. Transexualidade e heteronormatividade: algumas questões para a pesquisa. *Textos & Contextos* (Porto Alegre), [S. l.], v. 10, n. 1, p. 193–198, 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/7375>. Acesso em: 6 mai. 2023.

REUTERS Institute. **Digital News Report**. Disponível em: <https://www.digitalnewsreport.org/>. Acesso em: 6 mai. 2023.

RODRIGUEZ, Shay de los Santos. BAUDELAIRE, Violet A. Transviades contra o sistema transfóbico: Você sabe o que é genitalismo? **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura** (ufmt.br) V. 3, N. 12, 2020.

ROJAS, Eveline. **Trans narrativas do self: uma análise a partir de diários virtuais de transição transexual no Youtube**. Recife: Editora UFPE. 2015.

RUIZ, Melissa S. Subvertiendo las fronteras de género: géneros no binarios. **Research, Society and Development**, v. 10, n.2, e51610212801, 2021.

SCHWINDT, L. C. Sobre gênero neutro em português brasileiro e os limites do sistema linguístico. **Revista da ABRALIN**, [S. l.], v. 19, n. 1, p. 1–23, 2020. DOI: 10.25189/rabralin.v19i1.1709. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1709>. Acesso em: 28 maio. 2023.

SCOTT, Joan. 1990. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação e Realidade**. Porto Alegre, 16 (2), pp. 5-22, jul-dez 1990.

SERANO, Julia. Cazadores de faldas: por qué los medios de comunicación representan la revolución trans con pintalabios y tacones. In: GALOFRE, Pol; MISSÉ, Miquel (Orgs.). **Políticas Trans: una antología de textos desde los estudios trans norteamericanos**. Barcelona/Madrid: Editorial Egales, 2015 p. 209–226.

SERRA, Liane; MACKEDANZ, Luis F. A análise temática como metodologia na pesquisa qualitativa em educação em ciências. **Revista Atos de Pesquisa em Educação** / Blumenau, v.16, e8574, 2021

WEARESOCIAL. **Global Digital Report 2019**. Disponível em: <https://wearesocial.com/uk/blog/2019/01/digital-in-2019-global-internet-use-accelerates/>. Acesso em: 28 de maio 2023.